



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS (DCH) – CAMPUS IV  
COLEGIADO DE LETRAS, LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

CARLA GISLENE OLIVEIRA RIBEIRO  
SIMONE LUZ DA SILVA PUGLISEL

**A MONOTONGAÇÃO NA FALA DOS FEIRANTES DE JACOBINA - BA**

JACOBINA  
2021

CARLA GISLENE OLIVEIRA RIBEIRO  
SIMONE LUZ DA SILVA PUGLISEL

**A MONOTONGAÇÃO NA FALA DOS FEIRANTES DE JACOBINA - BA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Colegiado de Letras, Língua Portuguesa e Literaturas, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – DCH – Campus IV, como requisito para obtenção do diploma do título de Licenciado em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientador: Prof. Me. Leandro Almeida dos Santos.

JACOBINA  
2021

CARLA GISLENE OLIVEIRA RIBEIRO  
SIMONE LUZ DA SILVA PUGLISEL

**A MONOTONGAÇÃO NA FALA DOS FEIRANTES DE JACOBINA- BA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Colegiado de Letras, Língua Portuguesa e Literaturas, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – DCH – Campus IV, como requisito para obtenção do diploma com título de Licenciado em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Me. Leandro Almeida dos Santos  
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)  
(Orientador)

---

Profa. Me. Dayane Moreira Lemos  
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)  
(Membro Interno)

---

Profa. Dra. Amanda dos Reis Silva  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)  
(Membro Externo)

Eu, Carla Gislene, dedico este trabalho á minha mãe, Iraildes Benícia de Oliveira (*In memoriam*) que, quando ao meu lado estava, sempre me incentivou a nunca desistir dos estudos.

Eu, Simone Luz da Silva Puglisel, dedico este trabalho a meu esposo Bruno Ricardo de Deus Puglisel pelo apoio, me mostrando a importância da cumplicidade para a realização de projetos como esse.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, que nos agraciou com saúde, paz e perseverança, para alcançarmos os nossos objetivos, pois sem ele nada disso seria possível.

Aos nossos companheiros, Bruno Ricardo e Jerfferson Martins, pelo apoio e os incentivos durante o processo de escrita, bem como pela paciência e respeito.

Aos nossos pais, Valmira e Alberto, Iraildes (*in memoriam*) e José Carlos, que sempre estiveram ao nosso lado nos apoiando ao longo de toda a nossa trajetória, e também a todos os nossos familiares pelas palavras de incentivo.

Ao nosso professor orientador Me. Leandro Almeida, que brilhantemente conduziu a nossa orientação, compartilhando os seus conhecimentos com paciência e sabedoria. Reconhecemos sua dedicação e apoio, que fez toda diferença para o resultado final desta pesquisa. Somos gratas pela confiança depositada em nós.

Aos nossos colegas de curso, em especial as nossas amigas do grupo “Letrado”, Cíntia, Sara e Naiara, pela parceria, pelas trocas de saberes, palavras de incentivo, cooperação mútua e a oportunidade do convívio durante estes anos.

Enfim, a todos e todas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a nossa formação, nossos sinceros agradecimentos.

## RESUMO

Este trabalho visa a analisar o fenômeno da monotongação na fala dos trabalhadores da feira de Jacobina. A monotongação constitui-se como a representação de um fenômeno linguístico em que ocorre a simplificação de um ditongo através da supressão da semivogal, sobrando apenas o som da vogal. Dessa forma, entendendo que a Língua Portuguesa sofreu e sofre variações e mudanças, à medida que é utilizada por seus falantes, faz-se necessário desenvolver pesquisas na área de variação linguística, visando uma abordagem científica do tema. A abordagem teórica para a construção dessa pesquisa segue a perspectiva da Sociolinguística Variacionista. O *corpus* desta pesquisa é constituído a partir de dados retirados das entrevistas gravadas com autorização dos informantes, com um questionário composto por 14 perguntas, para documentar a ocorrência ou não do fenômeno da monotongação, como por exemplo, a questão do Questionário Fonético Fonológico (QFF) 01, “Quando se compra uma televisão, um ventilador, um sapato, ele vem da loja dentro de quê?” “caixa”, bem como a questão QFF 11, “Jacobina é conhecida como a cidade de quê? “ouro”, e também a questão QFF 07, “O que é que se pesca nos rios, no mar?” “peixe”. Sendo estes 12 informantes entrevistados feirantes da cidade de Jacobina, com faixa etária I: (18 a 30 anos) e II (40 a 65 anos), escolaridade (Ensino Fundamental incompleto, completo e Ensino Médio) sexo (masculino e feminino). As entrevistas foram transcritas grafematicamente e, também, foneticamente. Os resultados obtidos mostraram que o fenômeno da monotongação está presente na fala dos feirantes de Jacobina - BA, em que os fatores sociais apresentaram maior relevância do que os fatores linguísticos, como a variável sexo, destacando o sexo feminino, uma vez que o maior número de ocorrências está presente na fala das feirantes, bem como a variável escolaridade, visto que as porcentagens maiores das ocorrências encontradas estão presentes nas respostas dos informantes com menos escolarização.

**Palavras-chave:** Sociolinguística; Variação Linguística; Monotongação; Jacobina.

## ABSTRACT

This work aims to analyze the phenomenon of monotongue in the speech of workers at the fair in Jacobina. The monophthong is a representation of a linguistic phenomenon in which a diphthong is simplified through the suppression of the semivowel, leaving only the vowel sound. Thus, understanding that the Portuguese language has undergone and undergoes variations and changes, as it is used by its speakers, it is necessary to develop research in the area of linguistic variation, aiming at a scientific approach to the subject. The theoretical approach for the construction of this research follows the perspective of Variationist Sociolinguistics. The corpus of this research is based on data taken from interviews recorded with the consent of the informants, with a questionnaire consisting of 14 questions, to document the occurrence or not of the phenomenon of monotongue, such as the Phonological Phonetic Questionnaire (FFQ). ) 01, "When you buy a television, a fan, a shoe, what does it come from the store inside?" "box", as well as QFF question 11, "Jacobina is known as the city of what? "gold", and also the QFF 07 question, "What do you fish in rivers, in the sea?" "fish". These 12 informants were interviewed at street vendors in the city of Jacobina, with age group I: (18 to 30 years old) and II (40 to 65 years old), education (incomplete, complete elementary school and high school) and gender (male and female). The interviews were transcribed graphically and also phonetically. The results obtained showed that the phenomenon of monotongue is present in the speech of merchants in Jacobina - BA, in which social factors were more relevant than linguistic factors, such as the gender variable, highlighting the female sex, since the largest number of occurrences is present in the speech of the stallholders, as well as the education variable, since the highest percentages of the occurrences found are present in the answers of the informants with less education.

**Keywords:** Sociolinguistics; Linguistic Variation; Monotonation; Jacobina.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Município de Jacobina – BA. ....	43
<b>Figura 2:</b> Feira Livre de Jacobina – BA, 1962. ....	45
<b>Figura 3:</b> Feira livre de Jacobina – BA, 2021. ....	46

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Os diferentes estudos Variacionista sobre a monotongação realizados no Brasil.	36
<b>Quadro 2:</b> Questionário utilizado para as entrevistas.....	40
<b>Quadro 3:</b> Grupo de informantes .....	42
<b>Quadro 4:</b> Transcrições Fonéticas (QFF 01).....	48
<b>Quadro 5:</b> Transcrições Fonéticas (QFF 03).....	53
<b>Quadro 6:</b> Transcrições Fonéticas (QFF 11).....	53
<b>Quadro 7:</b> Transcrições Fonéticas (QFF 05).....	59
<b>Quadro 8:</b> Transcrições Fonéticas (QFF 07).....	59
<b>Quadro 9:</b> Transcrições Fonéticas (QFF 09).....	59
<b>Quadro 10:</b> Transcrições Fonéticas (QFF 13).....	59

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1:</b> Porcentagem das respostas para QFF 01.....	47
<b>Gráfico 2:</b> Porcentagem das respostas para QFF 03.....	49
<b>Gráfico 3:</b> Porcentagem das respostas para QFF 11.....	51
<b>Gráfico 4:</b> Porcentagem das respostas para QFF 05.....	54
<b>Gráfico 5:</b> Porcentagem das respostas para QFF 07.....	55
<b>Gráfico 6:</b> Porcentagem das respostas para QFF 09.....	57
<b>Gráfico 7:</b> Porcentagem das respostas para QFF 13.....	58

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>1 AS CONCEPCÕES DE LÍNGUA NA HISTÓRIA DA LINGUÍSTICA</b> .....	<b>14</b>
1.1 ESTRUTURALISMO .....	16
1.2 GERATIVISMO .....	19
1.3 SOCIOLINGUÍSTICA .....	20
<b>1.3.1 Teoria da Variação e Mudança Linguística</b> .....	<b>25</b>
<b>1.3.2 Diferentes Tipos de Variação</b> .....	<b>27</b>
<b>2 OS METAPLASMOS</b> .....	<b>30</b>
2.1 MONOTONGAÇÃO .....	33
2.2 MONOTONGAÇÃO: ALGUNS ESTUDOS JÁ REALIZADOS NO BRASIL .....	36
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>40</b>
3.1 METODOLOGIA.....	40
3.2 INFORMANTES.....	41
3.3 A CIDADE DE JACOBINA - BA .....	42
3.4 A FEIRA LIVRE DE JACOBINA .....	44
<b>4 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÕES</b> .....	<b>47</b>
4.1 VOCÁBULO COM DITONGO “AI” .....	47
<b>4.1.1 Questionário Fonético-Fonológico (QFF 01 - CAIXA)</b> .....	<b>47</b>
4.2 VOCÁBULOS COM DITONGOS “OU” .....	49
<b>4.2.1 Questionário Fonético-Fonológico (QFF 03 - TESOURA)</b> .....	<b>49</b>
<b>4.2.2 Questionário Fonético-Fonológico (QFF 11 - OURO)</b> .....	<b>50</b>
<b>4.2.3 Comparação entre as questões QFF 03 - QFF 11</b> .....	<b>52</b>
4.3 VOCÁBULOS COM DITONGOS “EI” .....	53
<b>4.3.1 Questionário Fonético-Fonológico (QFF 05 - MANTEIGA)</b> .....	<b>53</b>
<b>4.3.2 Questionário Fonético-Fonológico (QFF 07 - PEIXE)</b> .....	<b>55</b>
<b>4.3.3 Questionário Fonético-Fonológico (QFF 09 - PENEIRA)</b> .....	<b>56</b>
<b>4.3.4 Questionário Fonético-Fonológico (QFF 13 - BRASILEIRO)</b> .....	<b>57</b>

<b>4.3.5 Comparação entre as questões QFF 05 - QFF 07 - QFF 09 - QFF 13 .....</b>	<b>59</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>62</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>64</b>
<b>ANEXO 01: Questionário utilizado nas entrevistas com os feirantes da cidade de Jacobina – BA .....</b>	<b>68</b>
<b>ANEXO 02: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) .....</b>	<b>70</b>

## INTRODUÇÃO

Lemle (1978) considera que a variação faz parte da natureza da linguagem e que resulta da diversidade de grupos sociais e da relação que estes grupos mantêm com as normas linguísticas. A heterogeneidade linguística, dentro de um vasto e diversificado país como o Brasil, é natural e inevitável. Assim, na linguagem se refletem a identificação e a diferenciação de cada comunidade e, também, a inserção do indivíduo em diferentes agrupamentos, estratos sociais, faixas etárias e níveis de escolaridade.

A monotongação constitui-se como a representação de um fenômeno linguístico em que ocorre a simplificação de um ditongo através da supressão da semivogal, sobrando apenas o som da vogal. Cristóvão Silva (2011) define a monotongação como um fenômeno fonológico em que um ditongo passa a ser produzido como uma única vogal.

O assunto em questão está diretamente relacionado ao ditongo, uma vez que a monotongação vai gerar um monotongo sempre a partir de um ditongo. O ditongo é um elemento linguístico que tem como definição a sequência de sons vocálicos em que um dos segmentos é interpretado como vogal por ter pronúncia mais subjetiva, e o outro por ter uma pronúncia mais fraca, apenas como semivogal.

Dessa forma, a finalidade do estudo é identificar como a monotongação está presente na fala dos feirantes da cidade de Jacobina - BA. Esse fenômeno “faz parte das características das variantes da língua portuguesa, variantes provenientes das diversidades culturais que cada agrupamento humano desenvolve” (SANTOS, CHAVES, 2010, p. 103). Assim, a feira livre apresenta uma variedade linguística, pois é um espaço em que há uma diversidade cultural considerável.

A contribuição desta pesquisa será para os estudos da área da linguagem, uma vez que descreverá e analisará um fenômeno fonológico presente na fala dos trabalhadores da feira livre de Jacobina - BA. Identificando como os fatores extralinguísticos, sociais, como: sexo, escolaridade e faixa etária podem influenciar na ocorrência do fenômeno, descrevendo a variação, assim como sua importância na colaboração para o combate ao preconceito linguístico.

A pesquisa foi constituída através da seleção de informantes, seguindo critérios segundo a teoria da Sociolinguística Variacionista, estratificados por sexo, faixa etária e nível de escolaridade. Em sequência, realizaram-se entrevistas as quais a inquiridora solicitava aos informantes que respondessem perguntas de um questionário. A metodologia adotada tem

como base o método qualitativo e quantitativo, por compreender que foram coletadas uma pequena amostra de fala.

Para apresentar os conteúdos desta pesquisa, organizamos o trabalho em quatro seções. Na primeira, apresentamos uma breve abordagem sobre as concepções de língua na história da Linguística, pois existem várias propostas teóricas que adotam concepções de língua diferentes, buscando estudá-la e compreendê-la. Dessa forma, buscaremos especificar como ela é entendida na Linguística Moderna em três correntes linguísticas: o Estruturalismo, o Gerativismo e a Sociolinguística. Ainda, nessa seção, explanou-se também sobre o estudo da variação linguística, considerando as pesquisas de William Labov (1972), e também abordamos sobre os diferentes tipos de variação linguística.

Na segunda seção, discorreremos sobre os metaplasmos que, segundo Coutinho (1976), são processos transformativos de ordem fonética. Eles dividem-se, segundo o autor, em quatro tipos, conforme sua motivação: troca, acréscimo, supressão de fonema e transposição de fonema. Em seguida, definimos a monotongação, que é um fenômeno fonológico em que um ditongo passa a ser produzido como uma única vogal, e, para entender esse fenômeno, explanamos a definição do ditongo e como ele se classifica. Além disso, foram apresentados alguns estudos já realizados no Brasil sobre o fenômeno em estudo e descrevemos, resumidamente, os estudos de Aragão (2000), Lopes (2002), Carvalho (2007), Santos e Chaves (2010) e Cristofolini (2011), além de apresentarmos um quadro com outros estudos.

Na terceira seção, trazemos considerações sobre a metodologia, dando ênfase aos processos que compõe essa pesquisa, como a seleção de informantes, a realização das entrevistas, bem como a coleta de dados e sua organização para serem analisados. Ainda, nesse espaço, apresentamos informações históricas sobre a cidade de Jacobina e também a história da feira livre.

Na quarta seção, foi apresentada a análise e a discussão dos resultados, descrevendo os vocábulos por blocos e seguindo os ditongos investigados. Para tal, nomeamos subseções em que foram feitas as análises específicas dos vocábulos com “ai”, “ou” e “ei”, evidenciando quais fatores são mais influentes ou não em cada uma delas.

Por fim, seguem as considerações finais, reforçando os resultados obtidos nesse estudo, trazendo uma revisão geral do que foi realizado em toda a pesquisa. Seguindo com as referências que conduziram o desenvolvimento desta pesquisa, e também os anexos, como o questionário utilizado para fazer as entrevistas e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para as gravações.

## 1 AS CONCEPÇÕES DE LÍNGUA NA HISTÓRIA DA LINGUÍSTICA

É relatado que os primeiros estudos sobre a linguagem humana se dão no final do século XVIII, quando intelectuais europeus demonstraram interesse pelas civilizações antigas, com o estudo do sânscrito, língua clássica dos hindus (Índia), bem como os estudos que foram feitos dos textos dos poetas gregos antigos.

Um referencial sobre o desenvolvimento da Linguística acontece quando William Jones (1746- 1794) exercia a função de juiz e apresentou uma comunicação à sociedade Asiática de Bengala, em que destacava as inúmeras semelhanças entre o sânscrito, o latim e o grego. Relatado por ele da seguinte forma:

A língua sânscrita [...] tem com ambas a língua grega e latina um tão estreito parentesco, tanto pelas raízes verbais como pelas formas gramaticais, que tal afinidade não poderia atribuir-se ao acaso. Nenhum filólogo poderá, após ter examinado estes três idiomas, eximir-se a reconhecer serem derivados de uma qualquer fonte comum, que possivelmente já não existe. E há uma razão do mesmo gênero, se bem que menos evidente, para supor que o celta e o gótico [...] tiveram a mesma origem que o sânscrito; e o persa antigo poderia juntar-se a esta família [...] (MOUNINÉ *apud* MOUNIN, 1970, p. 161).

Paralelo a esses fatos, já no século XIX, as fases da Linguística seguem para uma opção histórica, com o intuito de fazer da Linguística uma ciência, surgindo então a Histórico-Comparativa. Seu início, como ciência, é explicado por Faraco (2011) com seguinte argumento:

A linguística se constituiu como ciência, no sentido que a modernidade deu ao termo, a partir dos últimos anos do século XVIII, quando William Jones, o juiz inglês que exercia seu ofício na burocracia colonial em Calcutá, entrou em contato com o sânscrito. Impressionado com as semelhanças entre essa língua, o grego e o latim, levantou a hipótese de que semelhanças de tal magnitude não poderiam ser atribuídas ao acaso; era forçoso reconhecer que essas três línguas tinham uma origem comum (FARACO, 2011, p. 29).

O método comparativo é baseado nas semelhanças tanto lexicais quanto gramaticais das línguas, dentre elas a do sânscrito com o latim, o grego o germânico e o persa. Outro método de estudo foi à comparação com outras línguas em séculos passados, observou-se que as semelhanças são comuns mesmo em tempos históricos diferentes. Então, o comparativo alia-se ao histórico e surge o nome que se costuma dar à Linguística do século XIX: Linguística Histórico-Comparativa. Os principais representantes desse período foram: Bopp, Schleicher, Grimm, Schlegel.

Nos últimos anos do século XIX, surgem os neogramáticos que questionavam as práticas tradicionais do histórico-comparativa; apresentaram métodos diferentes, principalmente no que diz respeito à interpretação da mudança linguística. Para eles, a língua não podia ser vista como uma existência independente, mas deveria ser ligada ao indivíduo falante, assim, o homem que fala deveria ser investigado. Diante disso, Faraco (2005) comenta:

Com isso, introduzia-se uma orientação psicológica subjetivista na interpretação dos fenômenos de mudança (a língua existe no indivíduo e as mudanças se originam nele) que até hoje é bastante forte em muitos estudos históricos, quando não no próprio senso comum (FARACO, 2005, p.140).

É necessário considerar que os estudos anteriores são importantes para o desenvolvimento das pesquisas na Linguística, não com o intuito de se saber tudo, mas com a proposta de apresentar na sua pesquisa um complemento das teorias anteriores. A língua e a linguagem como objetos de estudos da Linguística vêm sendo discutidas ao longo dos séculos. Neste sentido, faz-se necessário entender a importância de cada uma delas e como a sua evolução contribuiu para os estudos referentes à fala.

O termo “linguagem” abrange qualquer tipo de comunicação entre os seres vivos (linguagem dos animais, dos sinais, linguagem gestual, etc.). Para os linguistas, porém, a *linguagem* é comumente entendida como “a capacidade que apenas os seres humanos possuem de se comunicar por meio de línguas” (MARTELOTTA, 2008, p. 16).

Segundo Martelotta (2008), a linguagem determinaria a percepção e o pensamento: as pessoas que falam diferentes línguas veem o mundo de modos distintos. Por sua vez, as diferenças e significados existentes numa língua são relativos às diferenças culturais relevantes para o povo que usa essa língua. Dessa forma, é possível entender a importância da linguagem na compreensão e na construção da realidade.

No âmbito da Linguística, existem várias propostas teóricas que adotam concepções de língua diferentes, buscando compreendê-las, conforme variados pressupostos. Dessa forma, buscaremos especificar, de forma breve, como a língua é entendida na Linguística Moderna em três correntes linguísticas: o Estruturalismo, o Gerativismo até a Sociolinguística. Dando ênfase para essa última, uma vez que é a teoria que utilizamos como aporte teórico para a nossa pesquisa. Vale lembrar que tal apanhado se faz necessário, haja vista que a Sociolinguística instaura um novo olhar para a língua, frente às concepções adotadas à época.

## 1.1 ESTRUTURALISMO

O estruturalismo linguístico tem como percussor os estudos de Ferdinand Saussure, que foram publicados em sua obra *Curso de Linguística Geral* (1967). Diante dos seus estudos, a língua não se confunde com a linguagem. Para estudar a linguagem, Saussure (2006) apresenta algumas dicotomias, uma tem por objeto a língua (*langue*) e a outra a fala (*parole*). Dessa forma, a primeira se refere ao social e a segunda individual, bem como a sincronia (pesquisa descritiva) e a diacronia (pesquisa histórica), os eixos sintagmáticos (ordenação) e paradigmáticos (seleção), e também significado (conceito ou ideia), significante (elemento sensível ou plano de expressão).

Na obra *Curso de Linguística Geral* (1967), a língua é o ponto principal de estudo. Esse objeto particulariza a ordenação do sistema linguístico, parte componente da linguagem, a qual se define, segundo Saussure (2006), multiforme e heteróclita. Sendo assim, é possível considerar a Linguística com uma ciência.

Considerando a definição de língua como objeto da Linguística e que esta é constituída por diversas manifestações da linguagem humana, Saussure estabelece uma importante divisão dentro da própria linguagem, ele considera que a linguagem pode ser dividida em duas partes: a língua, essencialmente importante, e a fala, sendo secundária, definida por ele como *langue* e *parole*. De modo geral, a *langue* se refere à língua como um sistema de signos que são interiorizados pela influência da cultura dos sujeitos falantes; sendo que a *parole* (fala), condiz com o ato individual de escolher palavras para explicar o que se deseja.

Saussure (2006, p. 16) explicita que a língua é o “produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”. A utilização da fala é individual, porém se subordina a língua, isto é, ao princípio de ordenação e tudo que é adquirido por ser convencional. Sendo assim, o autor sinaliza que “é necessário colocar-se, primeiramente, no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem” (SAUSSURE, 2006, p. 16).

Ao refletir sobre a língua e a fala, é preciso entender que “o falante” não é o senhor da língua, já que existem as regras e precisam ser seguidas. Com relação à fala, o indivíduo tem mais liberdade. No entanto, ao falar, o sujeito faz individualmente, mas precisa seguir as

regras do próprio sistema linguístico. Para explicar como acontece a assimilação da língua pelos grupos sociais, Saussure diz:

A língua existe na coletividade sob a forma duma soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário cujos exemplares, todos idênticos, fossem repartidos entre os indivíduos. Trata-se, pois, de algo que está em cada um deles, embora seja comum a todos e independe da vontade dos depositários (SAUSSURE, 2006, p.27).

A partir dessas afirmações, percebe-se o porquê de Saussure afirmar que os sujeitos não podem criar ou mesmo modificar uma língua já existente. A língua é um fato social, é a “parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade” (SAUSSURE, 2006, p. 22).

A linguagem verbal caracteriza todos os sistemas de signos verbais sendo usado por todas as comunidades linguísticas e perpassam as realizações históricas e específicas de cada língua. Sendo um sistema de comunicação humana e, assim, comum a todos os membros de uma comunidade. “A cada instante, a linguagem implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução: a cada instante ela é uma instituição atual e um produto do passado” (SAUSSURE, 2006, p. 16).

A linguagem verbal tem uma dimensão universal caracterizando todos os sistemas de signos verbais usados em todas as comunidades linguísticas, independente das suas realizações históricas e específicas de cada língua.

A língua é um sistema individual de signos verbais, realizados cultural e historicamente. “É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o exercício da linguagem dos indivíduos” (SAUSSURE, 2006, p. 17). A língua tem uma característica social, sendo um sistema de signos que exprimem ideias; é social, abstrata, psíquica e coletiva constituída por um código de regras e estruturas que todo indivíduo assimila da comunidade de que faz parte.

A língua é um sistema de valores puros. O linguista descarta toda possibilidade de que a língua pudesse ser uma descrição do mundo, apresentando sua teoria, focado na língua como um fator social, produto da coletividade, que estabelece através da convenção social os valores desse sistema, sobre a qual o indivíduo não poderia ter nenhum poder.

Outra dicotomia saussuriana se destaca nos estudos da Linguística Moderna é a da sincronia e diacronia, em que o linguista propõe estudar não mais como as línguas evoluem,

mas sim como se estruturam. Segundo o postulado saussuriano, o tempo é um fator que cria dificuldades à Linguística, porque ele pode produzir efeitos particulares em seu estudo; devia ser dividido em duas partes abrangendo o eixo das simultaneidades (sincronia) referente às relações entre as coisas sem a intervenção do tempo; e o eixo das sucessões (diacronia) considera uma coisa por vez com suas respectivas transformações.

Saussure adotou a sincronia porque para se compreender um estado da língua não deve levar em conta o passado. Para ele, a descrição da língua e a fixação das normas para seu uso se dão num estado determinado, ou seja, preocupou-se em compreender como funcionam as línguas e não como se modificam.

Nos estudos saussurianos, os eixos sintagmáticos e paradigmáticos se destacam como eixos que organizam e contribuem para o funcionamento da língua.

O conjunto de diferenças fônicas e conceptuais que constitui a língua resulta, pois, de duas espécies de comparações; as aproximações são ora associativas, ora sintagmáticas; os grupamentos de uma e de outra espécie são, em grande medida, estabelecidos pela língua; é esse conjunto de relações usuais que a constitui e que lhe preside o funcionamento (SAUSSURE, 2006, p. 148).

As relações sintagmáticas estão diretamente ligadas ao caráter linear do signo linguístico, “que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo” (SAUSSURE, 2006, p. 142). No tocante à fala, a língua é formada por elementos que se sucedem um após o outro linearmente, e assim um termo não pode aparecer ao mesmo tempo que outro. Essas relações se estabelecem em função da presença dos termos precedente e subsequente no discurso, Saussure a chama também de relação *in praesentia*.

O eixo paradigmático refere-se à seleção entre elementos, em que as unidades do paradigma se opõem, pois uma exclui a outra, é a chamada oposição distintiva que estabelece a diferença entre signos. “A relação associativa une termos *in absentia* numa série mnemônica virtual” (SAUSSURE, 2006, p. 143). A ideia de relação entre unidade alternativa é uma espécie de reserva virtual da língua. Na relação paradigmática, os elementos selecionados se dão pela oposição de termos ausentes situando-se na memória do falante, cuja característica é a seleção.

Outro aspecto dos estudos saussurianos é a do signo linguístico. O signo é o resultado de significado com o significante (SAUSSURE, 1973), em que o significado é o conceito ou a ideia, e o significante é o elemento sensível ou o plano de expressão. Toda palavra que possui um sentido é considerada um signo linguístico. Ex: “mesa”. Quando se observa o signo

“mesa”, percebe-se que ele é a união de som (ou escrita) e conceito, ou seja, significante e significado, respectivamente.

O signo apresenta duas características básicas, sendo elas a arbitrariedade e linearidade. Na primeira, uma das características é o seu caráter arbitrário, não existe uma razão para que um significante esteja associado a um significado. Isso explica o fato de que cada língua emprega significantes diferentes para um mesmo significado (conceito); ex.: “livro” (português); “book” (inglês). Na linearidade, os componentes que integram um determinado signo se apresentam um após o outro, tanto na oralidade como na escrita. É o eixo sintagmático.

## 1.2 GERATIVISMO

Os estudos da Gramática Gerativa deram-se por volta do final da década de 40 tendo como marco a revolução científica do século XVII, com diversas transformações no campo político e social, assim como nos estudos da linguagem. Na perspectiva gerativista, o estudo da linguagem é realizado, de um modo geral, segundo Chomsky (1997), pensando “o estudo da forma e do significado, o estudo da estrutura da linguagem, todas as áreas da fonologia, morfologia, sintaxe, semântica, pragmática, etc”.

Desse modo, para o linguista, a importância de estudar a língua é a mesma de estudar o falante, visto que sem ele a língua perde seu poder efetivo de uso. Por este motivo, ele acredita que o estudo puramente estrutural não dá conta da complexidade da língua e apresenta um estudo que consegue explicar o que é necessário para que o falante elabore todas as frases de sua língua mesmo sem alguma instrução para isso.

A Gramática Gerativa foi definida como um sistema de regras que atribui descrições estruturais das frases, assim, ela deve dar conta de explicar ao falante como ele deve interpretar sua língua, aliás, tenta definir “em termos tanto quanto possível neutro, o conhecimento da língua que fornece a base para o uso efetivo da mesma por um falante nativo” (CHOMSKY, 1978, p. 89). Sendo assim, a gramática pode ser a descrição da competência, isto é, do conhecimento que o indivíduo possui de sua própria língua. De acordo com Chomsky, ela foi subdividida da seguinte forma:

sobre a organização dessa gramática, ela se subdivide em três componentes: a sintática, a semântica e a fonológica. A componente sintática determina para cada frase uma estrutura profunda – que determina sua interpretação semântica – componente semântica - , e uma estrutura de superfície – que determina sua interpretação fonética, componente fonológica – (CHOMSKY, 1978, p. 98).

O Gerativismo acredita que cada indivíduo detém uma gramática internamente, e já está apto para utilizá-la nas inúmeras sentenças em nível de desempenho. Para o desenvolvimento dos estudos, o linguista apresenta, por meio dos dados do desempenho, “o sistema subjacente de regras que foi dominado pelo falante – ouvinte e que ele põe em uso na performance efetiva” (CHOMSKY, 1978, p.84). Dessa forma, se faz necessário a construção de teorias que consigam explicar esse sistema subjacente e como se dá sua ativação.

Se o desempenho é o uso da língua em situações concretas, todavia, o conhecimento que esse falante possui de sua língua será a competência. As duas não são idênticas e nem se confundem, o falante dentro da sua competência pode ter a capacidade de desenvolver desempenhos diversos a partir de uma única estrutura. Chomsky (1978) valoriza a criatividade do falante, bem como considera sua intuição, que permite o aperfeiçoamento do raciocínio lógico e a capacidade de formular sentenças. O autor afirma que a linguagem faz parte do patrimônio genético do ser humano, ou seja, ela é inata, por isso o indivíduo é capaz de aprender qualquer língua. No que diz respeito ao inatismo, ele considera:

o que presumivelmente se defende é que a criança possui uma teoria inata sobre descrições estruturais potenciais que é suficientemente rica e desenvolvida para lhe permitir determinar, a partir de uma situação real em que ocorre um sinal, quais as descrições estruturais que podem ser apropriadas a este sinal e também para lhe permitir fazê-lo, em parte, com antecipação em relação a qualquer pressuposto sobre a estrutura linguística desse sinal (CHOMSKY, 1978, p. 115).

Dessa forma, o Gerativismo é inatista. O exemplo citado acima traz como referência a linguagem da criança que é capaz de produzir frases jamais ouvidas anteriormente. Ela não decora frases ou apenas reproduz o que ouve, mas já nasce consigo uma gramática universal que contem todas as regras de todas as línguas.

### 1.3 A SOCIOLINGUÍSTICA

A Sociolinguística surgiu em meados dos anos 1960, em um congresso organizado por William Bright na Universidade da Califórnia, Los Angeles. Nesse encontro, estavam presentes diversos pesquisadores cujos estudos eram voltados para a relação entre linguagem e sociedade, como: John Gumperz, Einar Haugen, Dell Hymes, John Fisher, José Pedro Rona e William Labov. Inicialmente, a proposta de Bright (1974) para a Sociolinguística “era demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e

social, ou seja, relacionar as variações linguísticas observáveis em uma comunidade às variações existentes na estrutura social desta mesma sociedade” (BRIGHT, 1974 *apud* ALKMIM, 2001, p. 28).

Segundo Calvet (2002), as escritas de Bright (1974[1966]) têm grande importância nos estudos sobre a Sociolinguística, porque foi o surgimento de um modo alternativo de fazer ciência, em oposição a Gramática Gerativa de Chomsky e ao estruturalismo saussuriano. Diferente do Gerativismo que considera apenas o falante a partir da sua competência e do seu desempenho, e do estruturalismo que considerava o uso da língua a partir de dicotomias, a Sociolinguística estuda a língua falada e o contexto social de acordo com a situação real de uso do falante. A língua e a sociedade são indissociáveis, diante disso, a língua é um instrumento complexo que possui diversas possibilidades de uso.

As línguas naturais humanas geram possibilidades de linguagem e as utiliza em diversas situações. Cada falante usa a língua individualmente para expressar o próprio pensamento, estando livre para escolher a melhor forma de uso e gosto. Para que haja as interações no seio de uma comunidade, é preciso considerar as relações existentes entre língua, sociedade e cultura, visto que é através da vida em sociedade, do convívio entre os indivíduos e do que se herda culturalmente, que ocorrerão as mudanças na língua. Com relação a essa interação, Hora (2004) discorre:

a Teoria da Variação opõe-se à ausência do componente social e à concepção de língua que até então impera na linguística estrutural e gerativa. Situa-se em relação ao conjunto língua e sociedade, considerando a variedade das formas em uso como objeto complexo, decorrente dos fatores internos, próprios do sistema linguístico, e dos fatores sociais que interagem no ato da comunicação. A variação da língua constitui, portanto, um dado relevante da teoria e da descrição Sociolinguística (HORA, 2004, p.18).

No campo da Sociolinguística, os estudos das relações entre língua e sociedade têm como um dos seus focos a chamada Sociolinguística Variacionista. No enfoque desse estudo, a atividade humana da língua apresenta um conflito entre duas faces aparentemente contraditórias. Por um lado, uma aparência estável; em contra partida, a constante variação e mudança tanto no indivíduo como na comunidade.

A língua não é propriedade do indivíduo, ela pertence à comunidade, e sendo assim, é social. Entretanto, Labov discorda de Saussure, Chomsky e outros que insistem na homogeneidade necessária do objeto linguístico, que ignoram a heterogeneidade e que consideram a fala como caótica e desmotivada (FIGUEROA, 1996, p. 77-78). A

Sociolinguística Laboviana proposta é aquela que tem como propósito estudar a estrutura e o desenvolvimento da língua no contexto social da comunidade, cobrindo a área usualmente chamada de Linguística Geral, a qual lida com Fonologia, Morfologia, Sintaxe e Semântica (LABOV [1972] 2008, p. 184). Segundo Figueroa (1996, p. 71), quando se diz que a Sociolinguística é o estudo da língua em seu contexto social, isso não deve ser mal-interpretado.

Os primeiros estudos Variacionistas estão relacionados aos estudos labovianos, que forneceram um grande modelo das variáveis linguísticas usadas pelas Comunidades de Fala (CF) que, “é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas em relação à língua” (LABOV, 1972: p. 158), em que os falantes de uma CF apresentam diferenças e semelhanças sistemáticas, organizados socialmente e refletem o uso da fala, conseqüentemente são encontradas características no indivíduo e na comunidade estudada.

Essa concepção tem como base o estudo de Labov (1966) sobre o inglês da cidade de Nova York, nesta pesquisa, ele correlaciona o uso das variáveis linguísticas às classes socioeconômicas, sexo, idade, etc. O autor constatou que há um padrão regular e persistente da estratificação socioeconômica dessas variáveis, conferindo um valor social à variação linguística, este também realiza um estudo em que descreve a variação do ditongos /aj/ e /aw/ na comunidade norte- americana da ilha Martha’s Vineyard, o autor observou a atuação de uma variável social influenciando a aplicação da regra variável: a identidade linguística dos falantes. Os habitantes que não almejavam mudar-se para o continente e identificavam-se com as tradições da ilha centralizavam a vogal /a/ com mais frequência do que os falantes que aspiravam a uma vida fora de Martha’s Vineyard.

De acordo com Labov (2008), todos os sociolinguistas concordam que produções e interpretações de um falante não são o lugar primário da investigação linguística nem as unidades finais da análise, mas os componentes usados para construir modelos de nosso objeto primário de interesse, a comunidade de fala. A Sociolinguística não é uma teoria da fala, nem tão pouco o estudo do uso da língua tendo como objetivo descrevê-la, porém, estudar o uso da língua no sentido de verificar o que ela revela sobre a estrutura linguística (*langue*), e quando se refere à heterogeneidade, remete à variação que pode ser explicada de forma ordenada.

A Sociolinguística Laboviana tornou-se sinônimo do estudo de variação e mudança linguística, segundo o autor, dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas com o mesmo valor de verdade constituem-se como variantes de uma mesma variável (regra

variável). Presente nos fenômenos fonéticos-fonológicos, como o da monotongação, que sofre uma alteração fonética, reduz o ditongo, encontro entre vogal e semivogal a uma simples vogal, como exemplo do ditongo /ey/: peixe para /e/ ‘peixe’, beijo para /e/ ‘bejo’), queijo para ‘quejo’ etc.; e do ditongo /ay/: caixa para /a/ caxa.

Labov ([1972] 2008, p. 247) comenta que, se quer dar uma contribuição significativa no que se refere ao funcionamento da língua, o estudo dessa em seu contexto social não pode permanecer no campo da Fonologia. Nota-se que mudanças fonológicas podem alterar a morfologia da língua; mudanças morfológicas podem alterar a sintaxe; mudanças sintáticas, o plano discursivo.

O objeto de estudo da Sociolinguística está pautado na diversidade linguística, uma vez que pode ser observada, descrita e analisada em seu contexto social, como ressalta Mollica e Braga (2003, p. 47), “à sociolinguística interessa a importância social da linguagem, desde pequenos grupos socioculturais a grandes comunidades”. Entendendo que existem variadas maneiras de se falar a mesma coisa, alcançando o enunciado desejado, é notória a existência de variantes linguísticas em todas as línguas e que podem ser estimuladas por fatores estruturais e sociais.

Outro viés da Sociolinguística está representado pelas pesquisas etnográficas, fornecendo um modelo das variáveis linguísticas presentes nas comunidades menores, assumindo um valor social relativo à dinâmica local. De acordo com Eckert (2005), estudos etnográficos mostram claramente como as formas de falar estão influenciadas por significado local. Os estudos etnográficos focalizam comunidades menores, por longos períodos de tempo, cujo objetivo é revelar as categorias sociais que são mais evidentes no local. Esses estudos esclarecem que, apesar de algumas variantes serem estigmatizadas e generalizadas em uma língua específica, quando associadas com valores e práticas locais, podem lhe atribuir valores positivos.

É notável que os estudos Variacionistas optam por pesquisas que estejam relacionadas as grandes comunidades de fala, bem como as comunidades consideradas menores. No entanto, surgem novos estudos voltados para o indivíduo em interação com seus grupos, conhecida como a terceira onda da Sociolinguística, embasada nas propostas de Penelope Eckert, cujo objetivo é analisar as variações presentes nos indivíduos pertencentes às comunidades de prática.

O conceito de comunidade de prática consiste em “um conjunto de pessoas agregadas em razão do engajamento mútuo em um empreendimento comum” (ECKERT;

MCCONNELL-GINET, 2010, p. 102). Nesse sentido, negociando e adquirindo práticas que contribuem para a satisfação da coletividade – como exemplo grupos do trabalho, da igreja, da escola, apesar dos indivíduos apresentarem características semelhantes como sexo, idade, escolaridade e profissão –, devido a suas participações sociais, podem diferir quanto à fala.

As comunidades de práticas apresentam características específicas, que podem ser determinadas pelo domínio de interesse compartilhado, distinguindo os membros da comunidade das outras pessoas, desenvolvendo atividades conjuntas, compartilhando informações e aprendizados, gerando experiências, histórias e métodos que são constituídos ao longo do tempo. É preciso investigar locais que estão atrelados às atividades que são compartilhadas pelos indivíduos. Esses ambientes são repletos de significados sociais, que se manifestam pela linguagem e as escolhas linguísticas vão depender das interações neste espaço.

O projeto pioneiro que se destaca nas pesquisas variacionistas no Brasil é o Projeto Norma Urbana Linguística Culta (NURC), criado em 1969, em que seu objeto de estudo era a norma culta urbana falada com informantes de cinco capitais brasileiras: Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife (CALLOU, 1999).

O principal objetivo desse projeto é investigar e descrever o falar culto do português brasileiro, não está relacionado a correções, mas a uma pluralidade de preceitos objetivamente comprovados na oralidade, respeitando as diferenças socioculturais do país, sendo constituído exclusivamente por informantes de nível superior completo, distribuídos pelos dois gêneros e por três diferentes faixas etárias – 25 a 35 anos, 36 a 55 anos e 55 anos em diante, os informantes deveriam ter nascido na cidade em estudo e nela ter vivido, pelo menos, três quarta parte de suas vidas e ser filhos de falantes nativos do português. A amostra é composta por três diferentes tipos de *corpus*: elocuições formais, diálogos entre informante e documentador e diálogos entre dois informantes. O número total de entrevista compreende 1870 gravações, totalizando 1570 horas.

A partir do NURC, outros projetos foram surgindo em diversas regiões do país, com a finalidade de investigar e descrever variedades linguísticas do português brasileiro e suas muitas variedades regionais e sociais. Diante dos bancos de dados sociolinguísticos, foi possível trazer subsídios para a descrição do português brasileiro, padronizando as coletas de dados e a amostragem, permitindo, que houvesse uma comparação de resultados, e, assim,

contribuir para uma norma brasileira, com descrições sociolinguísticas em interface teórica tanto com abordagens formais.

O Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB)<sup>1</sup> constitui-se na primeira tentativa, a nível nacional, de descrever o português brasileiro com base em dados coletados, em diversas regiões geográficas, a partir da investigação de diferentes pontos (250 pontos), entrevistando brasileiros nativos, 1.100 informantes, estratificados em homem e mulher, faixa etária I (18 a 30 anos) e faixa II (50 a 65 anos), e com nível fundamental incompleto e nível superior, este último somente nas capitais. Aplicando um questionário único, o qual utilizamos parte em nossa pesquisa, conforme seção 3. Este projeto se desenvolveu no campo da variação linguística, mais especificamente no campo da Dialetoлогия e tendo como base a Geolinguística, metodologicamente se ocupa da cartografia dos fatos relacionados à língua, cuja produção se concretiza com os atlas linguísticos. Surge na UFBA Universidade Federal da Bahia, em 1996 a partir da iniciativa de um grupo de pesquisadores do Instituto de Letras da UFBA, no entanto tem convênio com outras universidades do Brasil.

Os dois primeiros volumes do ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL foram publicados em 2014, durante o III Congresso de Dialetoлогия e Sociolinguística (III CIDS), realizado em Londrina, em homenagem às Professoras Suzana Cardoso e Jacyra Mota. O volume I é o de Introdução e o Volume II apresenta 159 cartas linguísticas, com dados de 25 capitais de estado. Os volumes publicados foram entregues ao Reitor da Universidade Federal da Bahia pela equipe ALiB/Bahia, em 24/10/14.

### **1.3.1 Teoria da Variação e Mudança Linguística**

A teoria da variação e mudança linguística tem como o principal objetivo o estudo da variação e mudança da língua, considerando o caráter sociolinguístico, a estrutura e a evolução da língua no contexto social de uma comunidade de fala (LABOV, 1972). Para que haja uma melhor compreensão da teoria, é importante levar em consideração que a língua é um sistema heterogêneo e ordenado, uma vez que não existe falante de estilo único e que o estudo da língua é direcionado à comunidade de fala e não do indivíduo. Dessa forma, os fatores linguísticos e sociais estão intimamente relacionados no desenvolvimento da mudança linguística.

---

<sup>1</sup> Mais informações podem ser obtidas no site do Projeto ALiB: <https://alib.ufba.br/>.

A pesquisa Variacionista tem o foco na descrição estatística de fenômenos variáveis, permitindo observar interferências de fatores linguísticos e não linguísticos na realização de variantes. O exemplo laboviano refere-se à variação linguística, sendo uma condição do sistema linguístico, em que as variantes da língua não são aleatórias, e estão sempre relacionadas a fatores sociais. Tal modelo permite a compreensão das estruturas variantes presentes na língua, observando os mecanismos que regem as variações e as mudanças linguísticas, analisando a língua em seu contexto social e cultural, visto que as explicações para os fenômenos variáveis provêm de fatores internos ao sistema linguísticos e de fatores externos a ele.

Nos estudos de variação, é necessário compreender o que é *variedade*, *variação*, *variável* e *variante*. Entende-se por *variedade* as características de um determinado grupo linguístico, que pode ser influenciado por critérios geográficos, critérios sociais, e fatores relevantes como profissão. A *variação* pode ser considerada um fenômeno cultural, incentivada por fatores linguísticos e extralinguísticos, ela é particular as línguas, e não compromete o bom funcionamento do sistema linguístico nem a possibilidade de comunicação entre os falantes, e a “sociolinguística se interessa por todas as manifestações verbais nas diferentes variedades de uma língua” (CEZARIO; VOTRE, 2008, p. 141). Dessa forma o pesquisador nos seus estudos pode descobrir quais são os contextos que favorecem ou que pedem o seu uso na comunidade.

As *variantes* linguísticas, segundo Tarallo (1986, p.8), “são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade”. Esse conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística, que podem ser dependentes ou independentes, em que a variável dependente é o fenômeno que se busca estudar; por exemplo, a ocorrência ou não da monotongação em vocábulos com ditongos, essas variantes seriam então as formas que competem entre si. O uso de uma variante ou outra está diretamente ligado aos fatores linguísticos (análise estrutural, classe de palavra e aspecto semântico), e aos fatores extralinguísticos que se referem a uma perspectiva social (sexo, escolaridade e faixa etária), e constituem as variáveis independentes.

Conforme Coelho *et al.* (2010), existem variantes consideradas padrão e não padrão, e estabelece a diferença entre elas. As variantes padrão são aquelas regidas pelos manuais da norma padrão, em geral é a variante de prestígio e tendem a ser conservadoras e formais; enquanto as variantes não-padrão se afastam da norma, sendo estigmatizadas por haver comentários negativos à forma ou aos falantes que a utilizam de maneira informal, gerando

um preconceito linguístico. Este último é o julgamento sobre falantes ou sobre grupos de uma comunidade em virtude das formas linguísticas que empregam (e essas formas geralmente são as que se afastam do padrão, sendo consideradas ‘incorretas’, ‘feias’, ‘piores’, ‘imperfeitas’ etc.).

[...] as pessoas que dizem Cráudia, praca, pranta pertencem a uma classe social desprestigiada, marginalizada, que não tem acesso à educação formal e aos bens culturais da elite, e por isso a língua que elas falam sofre o mesmo preconceito que pesa sobre elas mesmas, ou seja, sua língua é considerada ‘feia’, ‘pobre’, ‘carente’, quando na verdade é apenas diferente da língua ensinada na escola. (BAGNO, 1999, p. 40).

O autor exemplifica que além do preconceito contra a língua, existe o preconceito contra os falantes que pertencem a uma classe social mais baixa, e mostra que o preconceito não está relacionado apenas às diferentes formas de uso da língua, mas também ao preconceito social por parte daqueles que se julgam superiores.

As línguas sofrem modificações, e isso não impede que haja uma comunicação entre os falantes uma vez que sua continuidade é sempre estruturada enquanto há mudança, uma vez que a mudança não envolve uma troca direta e repentina de um elemento por outro, mas envolve sempre uma fase de concorrência. Para sistematizar a mudança em progresso, Faraco (1991) afirma:

A sociolinguística dá nova força empírica ao princípio de que a mudança não se dá por mera substituição discreta de um elemento por outro, mas que o processo histórico, pressupondo sempre um quadro sincrônico de variação, envolve fases em que as variantes coexistem, ao caso da qual uma termina por vencer a outra, podendo – por vicissitudes do processo – subsistirem áreas sociais e/ou geográficas em que a mudança não se dá (FARACO, 1991, p. 58).

A mudança linguística pode ser influenciada por fatores tanto internos como externos, interferindo no processo automaticamente. Essa generalização acontece ao longo do tempo e também em diferentes áreas do espaço geográfico. Essas mudanças surgem a partir da heterogeneidade da língua, porém, nem toda manifestação de heterogeneidade venha a resultar em uma mudança linguística. Conclui-se, então, que nem toda variação na língua vai implicar determinadas mudanças, mas toda mudança pressupõe uma variação linguística.

### **1.3.2 Diferentes Tipos de Variação**

A variação linguística sendo entendida como um princípio geral e universal da língua é passível de ser descrita e analisada. A Sociolinguística presume que toda variação é motivada tanto por fatores internos ao sistema linguístico, quanto por fatores externos a ele.

[...] podemos esperar que os fatores sociais estejam profundamente envolvidos na atuação do por que o estudo se fez em um lugar especial, no tempo e no espaço... o nosso primeiro problema é o de determinar os aspectos do contexto social da língua, que estão conectados com mudança linguística... seria, portanto, correlacionar os nossos dados linguísticos com as medidas de posição social ou comportamento podendo ser repetido em outro ponto no tempo (LABOV, 1972, p. 47).

A seleção de uma variante está relacionada a vários fatores externos como: a classe social, a idade, o sexo, a escolaridade, a profissão, o local de moradia, entre outros. Esses fatores estão atrelados aos padrões de comportamento, que variam de acordo com o tempo e o lugar, na qual é refletida na linguagem. Existem vários tipos de variação que podem resultar da influência desses fatores.

A *variação regional* ou *diatópica* é responsável pela identificação e origem de uma determinada pessoa através do seu modo de fala. São utilizados padrões lexicais particulares, certos padrões entonacionais e, principalmente certos traços fonológicos. Regionalmente existem léxicos que designam a mesma coisa e são escritas de formas diferentes, como: *macaxeira* ou *aipim* (Norte e Nordeste), *mandioca* (Sul e Sudeste); estão associadas a distâncias espaciais entre cidades, estados, regiões ou países diferentes.

A *variação social* ou *diastrática* é representada pelos principais fatores sociais como o grau de escolaridade, o nível socioeconômico, o sexo e gênero, a faixa etária e mesmo a profissão dos falantes, como exemplo as gírias, que são expressões populares de um determinado grupo social, que compõem o linguajar usado em um grupo específico, podendo ser profissional, cultural ou social. Outra possibilidade, podemos citar a linguagem dos grupos de rap, dos surfistas, a linguagem da classe médica, e até mesmo a linguagem dos mais velhos e das crianças.

A *variação de registro, estilística* ou *diafásica* mostra a condição de um mesmo falante usar formas diferentes dependendo da situação de comunicação em que se encontra, ou seja, suas escolhas são feitas durante o processo de interação com o outro. Esses papéis sociais são “um conjunto de obrigações e de direitos definidos por normas socioculturais [...] e são construídos no próprio processo da interação humana” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 23). E podem ser caracterizados pelos meios usados para a comunicação como a própria fala,

o e-mail, o jornal, a carta, etc. Para ilustrar tal definição, temos a redação de um texto escrito que é diferente da informalidade de uma conversa proferida no dia a dia.

A *variação na fala e na escrita* ou *diamésica* está relacionada etimologicamente a ideia de vários meios. Um tipo diferente de variação, pois trabalha com as características de dois códigos distintos. Para Coelho *et al.* (2010), no caso da fala, a produção do texto falado é uma atividade espontânea, improvisada e suscetível à variação nos mais diversos níveis. Já na escrita, constitui-se uma atividade artificial (não espontânea), ensaiada, com ambientes de maior monitoramento linguístico, regras rígidas de conformidade às formas da variedade padrão. Na escrita, encontramos formas mais ligadas às variedades de prestígio, em quanto na fala percebe-se formas mais ligadas à linguagem coloquial, embora em uma entrevista de emprego, seminário, essa fala também se aproxima das variedades padrão.

De acordo com Camacho (1990, p. 41.), “[...] uma língua é um objeto histórico, enquanto saber transmitido, estando, portanto, sujeita às eventualidades próprias de tal tipo de objeto. Isso significa que se transforma no tempo e se diversifica no espaço”. Por isso, mesmo apresentando as características individuais das diferentes variações linguísticas, elas não existem de forma independente de uma língua qualquer.

A língua é um instrumento essencial da expressão cultural de um povo, já que é através dela que este expõe suas ideias, traz consigo a historicidade de uma geração e debate opiniões com a comunidade pertencente. Dessa forma, é possível afirmar que a língua é a representação explícita da vida do homem, por ele ser capaz de exteriorizar as suas emoções, suas singularidades, bem como a sua individualidade. Então, se cada homem se expressar de maneira a externar suas inquietações, sua comunicação também será heterogênea.

A Sociolinguística sistematiza a variação existente na linguagem considerando a heterogeneidade da língua, priorizando o falante real e não o ideal, já que não existe uma comunidade de fala homogênea e não há um falante ouvinte ideal. A variação linguística é o principal meio de estudo das pesquisas sociolinguísticas, é através dela que acontecem os avanços nos estudos linguísticos entre língua e sociedade.

## 2 OS METAPLASMOS

A gramática histórica, segundo Coutinho (1976, p. 13) é a “ciência que estuda os fatos de uma língua, no seu desenvolvimento sucessivo desde a origem até a época atual”. Ela procura constatar os processos pelos quais um determinado sistema linguístico se transformou no decorrer da história, evidenciando essa transformação enquanto herança e processo dinâmico.

As mudanças não são aleatórias porque seguem determinismos internos à língua, e a partir de observações concede a elaboração de teoria e leis pelos gramáticos. Com relação às transformações por que passam no decorrer do tempo, os fones, que são elementos mínimos da linguagem articulada; nessa perspectiva, têm-se o estudo da fonética. Para Dias (2015, p. 128), essas transformações são inconscientes (não percebidas imediatamente pelos falantes), graduais (ocorrem paulatinamente) e constantes (não há nunca estabilidade total no sistema).

De acordo com Dias (2015, p. 129), três leis fonéticas foram determinantes na transposição do Latim para o Português, são elas: (i) lei do menor esforço (quedas de fonemas com vistas a facilitar a articulação); (ii) lei da permanência da consoante inicial (isto é, a manutenção das consoantes iniciais e modificações e quedas das finais); (iii) lei da permanência da sílaba tônica (permanência da acentuação tônica do latim).

A Língua Portuguesa sofreu diversos processos de transformação fonética desde o latim, resultando na língua que hoje compreendemos. Esses processos na língua são chamados de metaplasmos e definidos por Coutinho (1976), como sendo:

[...] as modificações fonéticas que os vocábulos sofreram ao longo da sua evolução. Essas modificações podem ser de quatro espécies [...]. Assim sendo, dividem-se os metaplasmos em: a) metaplasmo por permuta; b) metaplasmo por aumento; c) metaplasmo por subtração; d) metaplasmo por transposição (COUTINHO, 1976, p. 142).

Esse fenômeno tem um caráter atual e dinâmico, porque não apresenta somente os processos de evolução da língua na passagem do latim para o português, mas estão presentes na língua atual, e continuam agindo e modificando a Língua Portuguesa. Essas transformações parciais da língua são de ordem fonética, que levam a formar novos significantes para os mesmos significados (como exemplo a palavra *nocte* > *noite*, significando o horário em que está escuro, por falta da luz solar).

Coutinho (1976) define esses processos transformativos de ordem fonética como metaplasmos. Eles dividem-se, segundo o autor, em quatro tipos, conforme sua motivação: troca, acréscimo, supressão de fonema e transposição de fonema.

Os metaplasmos por acréscimo acontecem quando ocorre o aumento da forma fonética por causa da inserção de um fonema no vocábulo. Fazem parte desse grupo o caso da prótese, epêntese, paragoge (ou epítese) e anaptixe (ou suarabácti).

- a) Prótese: é o processo em que há o acréscimo de um fonema no início de um vocábulo: voar > avoar, lembrar > alembrar.
- b) Epêntese: é o nome dado ao processo em que há o aumento de um fonema no meio de um vocábulo: lista > list/r/a, mortadela, morta/n/dela.
- c) Paragoge (ou epítese): É o fenômeno ocasionado pelo acréscimo de um fonema no final do vocábulo: variz > variz/e/.
- d) Anaptixe (ou suarabácti): é o nome dado ao processo em que há o acréscimo de uma vogal para desfazer um grupo consonantal: admirar > ad/i/mirar, advogado > ad/e/vogado ou ad/i/vogado, pneu > p/e/neu ou p/i/neu.

Os metaplasmos por supressão acontecem quando suprimimos (retiramos) um fonema do vocábulo. Neste grupo, temos: aférese, síncope, apócope e haplologia.

- a) Aférese é o nome dado ao fenômeno que suprime um fonema (ou uma sílaba) do início de uma palavra: embora > / /bora, espera > / /péra, está > / /tá.
- b) Síncope: é o fenômeno que elimina um fonema no meio do vocábulo: padrinho > pad/ /inho, mesmo > me/ /mo, murcho > mu/ /cho.
- c) Apócope: é o nome que designa o fenômeno que omite um fonema no final da palavra: rapaz > rapá, bobagem > bobage/ /, comprar > comprá/ /.
- d) Haplologia: é o fenômeno que elimina a primeira letra de duas sílabas sucessivas, no meio no vocábulo, por causa da aproximação sonora com a posterior: infalibilidade > infalibi/ /dade, paralelepípedo > parale/ /pípedo.

Os metaplasmos por transposição acontecem quando há um deslocamento referente à posição de fonemas em um vocábulo ou por deslocamento do acento tônico da palavra. Neste grupo, há processos de transposição por metátese, por hipértese, por sístole e por diástole.

- a) Metátese: é o fenômeno em que há uma transposição de um fonema em uma mesma sílaba da palavra: prato > parto, perguntar > preguntar, prateleira > parteleira.

- b) Hipértese: é o nome dado ao processo em que há o deslocamento de um fonema de uma sílaba para outra na mesma palavra: bicarbonato>bicabornato, nervoso>nevroso.
- c) Sístole: é o processo em que há o deslocamento, por recuo, do acento de uma palavra: benção (< benedictione) > bênção.
- d) Diástole: é o processo em que há o deslocamento, para sílaba posterior, do acento de uma palavra: gémitu > gemido, júdice > juiz.

Os metaplasmos por transformação ocorrem quando um fonema de um vocábulo se transforma, passando a ser outro fonema distinto em lugar do primeiro. Neste grupo, há casos de degeneração, desnasalação, dissimilação, rotacismo, lambdacismo, ditongação, monotongação, metafoia, nasalação, palatização, sonorização e despalatização.

- a) Degeneração: é o processo de transformação do fonema /b/ em fonema /v/: assobiar > assoviar.
- b) Desnasalação: é o processo de transformação de um fonema nasal em um fonema oral: virgem > virge, homem > home.
- c) Dissimilação: é o processo em que há a transformação de um fonema para diferenciá-lo de um outro semelhante existente na mesma palavra: pílula > pírlula, privilégio > previlégio.
- d) Rotacismo: é o processo em que acontece a transformação do fonema /l/ em /r/: aluguel > aluguer, almoço > armoço.
- e) Lambdacismo: é o fenômeno em que acontece a transformação do fonema /r/ em /l/: cabeleireiro > cabeleleiro, freira > fleira.
- f) Ditongação: é o nome dado ao processo em que ocorre a transformação de uma vogal ou um hiato em ditongo: bandeja > bandeija, caranguejo > carangueijo.
- g) Monotongação: é o nome dado ao processo em que há uma transformação ou redução de um ditongo em uma vogal: doutor > dotor, manteiga > mantega.
- h) Metafoia: é o processo de alteração do timbre ou altura de uma vogal: diferente > deferente, semente > simente.
- i) Nasalação: é o processo de transformação de um fonema oral em um fonema nasal: igual > ingual, identidade > indentidade.
- j) Palatalização: é o nome do processo de transformação de um ou mais fonemas em uma palatal: família > familha.

- k) Sonorização: é o processo de transformação de um fonema surdo, em posição intervocálica, à sua homorgânica sonora: cuspir > guspir
- l) Despalatalização: é o nome dado ao processo em que há a transformação de fonema palatal em fonema nasal ou oral: cabeçalho > cabeçalho.

Os metaplasmos são vinculados por todo um contexto social e motivações comunicativas, com a qual os usuários se apropriam e passam a utilizar esse tipo de variação em momentos de interação diversa.

As línguas não são uniformes, ou seja, elas não são utilizadas pelos falantes da mesma maneira. A língua é um elemento de identidade, que se constitui em um sistema simbólico produzindo diferenciações entre seus falantes, sendo moldada em seus diferentes aspectos, sendo ele ortográfico, sintático, semântico e prosódico, em consonância com condicionamentos sociais, regionais e culturais.

## 2.1 MONOTONGAÇÃO

A monotongação é um fenômeno fonológico em que um ditongo passa a ser produzido como uma única vogal. Para entender esse fenômeno, é preciso considerar a definição do ditongo e como ele se classifica.

Segundo Hora (2009, p. 24), a gramática tradicional define os ditongos como o encontro de uma vogal mais uma semivogal (vice-versa), na mesma sílaba. Nesse contexto, os ditongos podem ser classificados em crescente (quando há uma semivogal, e, logo em seguida, uma vogal) exemplo, “igual” e decrescentes (quando há uma vogal que antecede a semivogal na mesma sílaba) exemplo, “leite”.

Cagliari (2007) conceitua que um ditongo é caracterizado, foneticamente, por um movimento de articulação acústico, diferenciando-se de uma simples sequência de vogais havendo nessa realização fonética, “um movimento contínuo da língua, indo de uma posição articulatória própria de uma vogal à posição articulatória própria de outra vogal, produzindo auditivamente um som vocálico de qualidade em constante mudança” (CAGLIARI, 2007, p. 69). Partindo dessa definição, o autor diferencia o ditongo de uma simples sequência de vogais.

De acordo com Cagliari (2007, p. 71), existem dois tipos de ditongos denominados como *crescente* e *decrescente*. Para o autor, ditongos decrescentes “são aqueles que apresentam a parte inicial do ditongo mais proeminente do que a parte final” e ditongos

crescentes são “aqueles que apresentam a parte final do ditongo mais proeminente do que a parte inicial”. Diante disso, ditongo decrescente corresponde à sequência de vogal + semivogal “feira” e ditongo crescente, semivogal + vogal “qual”.

Para Bisol (2001), os ditongos podem ser subdivididos em dois grupos: o falso e o verdadeiro ditongo. A autora define o ditongo verdadeiro como invariante, porque está contido na estrutura da língua por duas vogais. Enquanto o falso apresenta na estrutura uma única vogal, e a semivogal pode manifestar-se ou não. Diante disso, Bisol (2001) justifica que os ditongos verdadeiros, se apagados da sílaba, podem alterar o significado da palavra como exemplo “direito/direto”, e os ditongos falsos se retirados da sílaba, não modifica o significado da palavra, como exemplo “caixa/caxa”.

Didaticamente, Silva (2010) considera que o ditongo é a junção de uma vogal e de uma semivogal ou glide, “pai”, “pauta”, “peixe”. Ou seja, os dois segmentos ocupam a mesma sílaba, em que a vogal é o núcleo da sílaba, e a semivogal ocupa uma posição assilábica, isto é, não nuclear. Diante das definições apresentadas sobre o conceito e classificação dos ditongos, percebe-se sua importância para então compreender o processo da monotongação.

A Língua Portuguesa nos possibilita realizar ditongos e monotongos. Dessa forma, um “ditongo decrescente [ow] pode ser reduzido a [o], como em “couro” [koru]” (SILVA, 2010, p. 99). A denominação do fenômeno fonológico de redução do ditongo a uma vogal simples (monotongo) é monotongação.

Segundo Câmara Jr. (1979), a monotongação é:

Mudança fonética que consiste na passagem de um ditongo a uma vogal simples. Para pôr em relevo o fenômeno da monotongação chama-se, muitas vezes, monotongo, à vogal simples resultante, principalmente quando a grafia continua a indicar o ditongo e ele ainda se realiza numa linguagem mais cuidadosa. Entre nós há, nesse sentido o monotongo ou /ô/, em qualquer caso, e ai /a/, ei /ê/ diante de uma consoante chianta (p)ouca, (b)oca, (c)caixa, como acha, (d)deixa, como fecha (CÂMARA JR.1979, p.170).

O autor intensifica o caráter puramente fonético, pois o ditongo, embora seja monotongado na fala, permanece na grafia formal. Por tanto, podemos observar que a monotongação é um fenômeno característico da fala. Assim, esse fenômeno “faz parte das características das variantes da Língua Portuguesa, variantes provenientes das diversidades culturais que cada agrupamento humano desenvolve” (SANTOS; CHAVES, 2010, p. 103).

Outra definição para monotongação já apresentada é a de Cristóvão Silva (2011), sendo um fenômeno fonológico em que um ditongo passa a ser produzido como uma única

vogal. A monotongação ocorre, em Português, com ditongos decrescentes, como por exemplo, em f(ei)ra > f(e)ra, b(ai)xa > b(a)xa, l(ou)co > l(o)co.

Um fator preponderante para o processo de monotongação é a transformação do ditongo decrescente, surgindo assim uma vogal simples. É importante ressaltar as mudanças dos ditongos na linha do tempo, assim como suas transformações em um determinado momento, independente de parâmetros temporais, como descreve Machado (2012):

[...] pode-se se verificar a monotongação tanto em estudos diacrônicos, que observam a passagem do latim para as línguas românticas, como nos estudos sincrônicos que investigam os atuais falares de diversas localidades do Português do Brasil (MACHADO, 2012, p. 172).

Com relação à monotongação no português brasileiro, Machado (2012) assegura que quando se trata desse fenômeno nos dialetos do português brasileiro, fica clara a realização praticamente categórica de redução do ditongo [ow] para [o], denotando uma convenção meramente escrita, nos dias atuais, em manter a forma ditongada (ex: besouro ~ bes [o] ro; outro ~ [o] tro; vou ~ v [o]; etc). Essa redução é considerada pelos estudiosos da Sociolinguística como uma mudança linguística em progresso, que se encontra em estágio avançado e está praticamente estabilizada entre os falantes, e independe de seu contexto social, ou seja, um processo quase categórico na fala.

Machado (2012) enfatiza que os casos mais frequentes na monotongação acontecem na forma do ditongo decrescente, sejam orais (cantou: cant[ow] ~ cant[o]) ou nasais (cantaram: cantar[ã] ~ cantar[u]), embora existam casos peculiares que podem ocorrer na forma do ditongo crescente em [ye] de série e em [ya] de paciência. Percebe-se que há uma tendência ao enfraquecimento da segunda vogal, que em termos sonoros está mais passível a apagar, confirmando uma tendência maior de monotongação nos ditongos decrescentes. Existem casos de que os ditongos (decrescentes) não podem sofrer o apagamento do glide por não gerar outra forma existente na língua: meiga \_ m[ey]ga ≠ \*m[e]ga (forma inexistente); pai \_ p[ay] ≠ p[a] (forma existente, mas não variante com pai).

A língua está em constante mudança, variando-se de acordo com a época e com os grupos sociais. Essa transformação reflete na escrita, com uma língua registrada, gerando outras discussões sobre sua ocorrência, e a forma não aceita hoje no Português Brasileiro pode ser aceitável amanhã, dessa maneira, as variações se estabelecem:

Conforme a língua, conforme a época ou os grupos sociais, conforme o contexto apresente tal ou qual objetivo específico, vê-se dominar ora uma forma, ora outra,

ora uma variante, ora outra. Destarte, a efetivação da mutação da língua depende de fatores externos (BAKHTIN *apud* COELHO, 2010, p. 16).

Esse fenômeno é considerado fonético-fonológico variável, uma vez que sua ocorrência pode acontecer tanto na fala como na escrita. Esse processo é definido por diferentes fatores sociais (sexo, idade, classe social etc.) e outros subentendidos às próprias dinâmicas das línguas naturais.

## 2.2 MONOTONGAÇÃO: ALGUNS ESTUDOS JÁ REALIZADOS NO BRASIL

O estudo da monotongação dos ditongos orais decrescentes tem sido feito por vários pesquisadores, usando dados de diferentes regiões do país, entre eles os ditongos “ai”, “ei” e “ou”, na descrição do português falado no Brasil. Para contribuir com a nossa pesquisa, elaboramos um quadro para citar os diferentes estudos Variacionistas que abordam esse fenômeno sendo distribuídos por ordem cronológica.

**Quadro 1** - Os diferentes estudos Variacionista sobre a monotongação realizados no Brasil.

AUTOR	ANO	LOCAL
Amaral	1920	São Paulo - SP
Monteiro	1933	Ceará - CE
Marroquim	1934	Alagoas - AL e Pernambuco - PE
Teixeira	1938	Minas Gerais - MG
Paes	1938	Rio Grande do Sul - RS
Teixeira	1944	Goiás - GO
Nascentes	1953	Rio de Janeiro - RJ
Câmara Jr.	1957	Rio de Janeiro - RJ
Lemle	1978	Minas gerais - MG
Veado	1983	Minas Gerais - MG
Meneghini	1983	Ibiaçá - RS
Mota	1986	Ribeirópolis - SE
Bisol	1989	Sudoeste do Paraná - PR
Paladino Neto	1990	Rio de Janeiro - RJ
Ribeiro	1990	Sudoeste do Paraná - PR
Paiva	1996	Rio de Janeiro - RJ
Cabreira	1996	Curitiba - PR/ Florianópolis - SC/ Porto Alegre - RS
Silva	1997	Rio de Janeiro - RJ/ Paraíba - PB
Araújo	1999	Caxias - MA
Araújo	2000	Fortaleza - CE
Aragão	2000	Fortaleza - CE
Amorim	2001	Feira Nova - PE
Lopes	2002	Altamira - PA

Pereira	2003	Tubarão - SC
Amaral	2005	Sul do Brasil
Benayon	2006	Rio de Janeiro - RJ
Carvalho	2007	Recife – PE
Bonilha	2007	Salvador - BA
Oliveira	2008	Salvador - BA
Brescancini	2009	Florianópolis – SC
Santo e Chaves	2010	Plácido de Castro - AC
Toledo e Monareto	2010	Sul do Brasil
Toledo	2011	Porto Alegre – RS
Cristofolini	2011	Florianópolis – SC
Silva e Souza	2012	Cipoal dos Pretos - MA

Fonte: Elaborado pelas autoras, com base em Aragão (2012, p. 81-82).

Existem inúmeras literaturas que abordam sobre a monotongação, com estudos realizados em diversas regiões do país, reforçando a ideia de que esses processos fonológicos estão muito presentes na fala dos brasileiros. Dessa forma, vamos destacar e descrever resumidamente algumas dessas pesquisas.

O fenômeno da monotongação na cidade de Fortaleza (CE) foi analisado por Aragão (2000), resultante do projeto “Dialeto Sociais Cearenses”, foi obtido através de entrevistas, conversas espontâneas e interação médico-paciente. A amostra relativa às entrevistas foi organizada considerando as variáveis, como localidade, sexo, faixa etária, grau de instrução e classe social. Os dados do *corpus* destacaram dois fatores favoráveis a monotongação, sendo eles o contexto posterior e extensão da palavra.

Os resultados da pesquisa apresentaram como facilitadores do apagamento os fonemas consonantais /f/, /z/ e /r/, fricativas alveopalatais e tepe, respectivamente, como por exemplo nas palavras “baixa” [ ‘baΣa ], “feijão” [ ‘feZãw ], “touro” [ ‘toPu ]. Com relação à extensão da palavra, o estudo apresentou que quanto maior o número de sílabas, mais provável a ocorrência da monotongação como exemplo “manteiga” [ mã’tega ], “aleijado” [ ale’Zadu ]. O fenômeno da monotongação no falar de Fortaleza não é diatópico, sendo parcialmente diastrático e linguístico.

Sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista, Lopes (2002) realiza o estudo da regra da redução dos ditongos /ow/ e /ej/ em sílabas abertas na comunidade de Altamira (PR). O *corpus* utilizado no presente trabalho faz parte do banco de dados do projeto ALIPA (Atlas Geográfico-Sociolinguístico do Estado do Pará). As variáveis escolhidas para esse estudo foram oito estruturais e quatro sociais. As estruturais foram à classe morfológica do vocábulo em que ocorre o ditongo, posição, localização do ditongo na estrutura morfológica da palavra,

tonicidade, contexto fonético seguinte e contexto fonético precedente, natureza de origem/uso do vocábulo e status fonológico do ditongo, sendo as variáveis sociais, sexo, faixa etária, escolaridade e renda. Em sua pesquisa, a autora aponta que o contexto fonético seguinte (tepe e palatais) favorece a monotongação e constata que o único fator social que se mostrou relevante foi escolaridade (menos escolarizados), tanto para /ow/ quanto para /ej/.

Partindo também da perspectiva Variacionista, Carvalho (2007) realiza a análise de glide /j/ e glide /w/ nas comunidades de fala de Recife - PE, investigando o comportamento variável dos ditongos /aj, ej, oj, aw, ew, ow//, a partir de amostras de fala recolhidas de 48 informantes, todos nativos, estratificados de acordo com as variáveis sexo, idade, escolaridade e localização de moradia, donde se infere o provável nível socioeconômico do entrevistado, e separando os ditongos com glide /j/ daqueles com glide /w/. O objetivo desse estudo é investigar, a partir dos recortes de fala, o apagamento dos glides que compõem os ditongos decrescentes orais a exemplo de: faixa, feixe, outro, ouvir, ouvinte.

O *corpus* utilizado tem como base duas fontes: a listagem de palavras e a leitura de textos. No estudo, concluiu que o contexto fonológico precedente (vogal posterior), contexto fonológico seguinte (ditongos com glide /j/: tepes e palatais; ditongos com glide /w/: fricativas labiais, tepe); e tonicidade (sílabas tônicas) são os fatores mais relevantes para a aplicação da regra variável de redução. As variáveis sociais, provavelmente, não influenciam a regra de variação.

Na região de Plácido de Castro, no Acre, os estudos sobre os ditongos /ej/ e /ow/, foram realizados por Santos e Chaves (2010). Os contextos linguísticos significativos para esse estudo foram extensão da palavra e o contexto fonológico seguinte, de acordo com as pesquisadoras, o contexto de palavra “polissílaba” foi o que mais favoreceu a monotongação.

Quanto ao modo de articulação da consoante seguinte, em /ej/ mostraram-se relevantes o tepe alveolar (com 69% das ocorrências de apagamento da semivogal) e a fricativa (com 63% dos casos de apagamento). Da mesma forma, em /ow/ o fator tepe mostrou-se o mais determinante na realização do apagamento da semivogal, configurando 80% dos casos. Ficando em segundo e terceiro lugares, as oclusivas e fricativas (63% e 48%, respectivamente). Para esse estudo realizado no Acre, os resultados, relacionados tanto a /ej/ quanto a /ow/, confirmam o tepe como o fator mais favorável ao processo de monotongação. Os fatores linguísticos são os que mais influenciam nesse processo, já as variáveis sociais foram indiferentes para a análise desse fenômeno.

Cristofolini (2011) desenvolveu um estudo sobre o ditongo /ow/ na região de Florianópolis – SC, na comunidade de Ratonés. O objetivo da pesquisa era identificar quais seriam as variáveis internas que interferem na monotongação [ow], e quais as variáveis externas, idade e escolaridade dos informantes que poderiam influenciar na monotongação em Florianópolis. Uma hipótese do estudo é de que a classe de palavra, o contexto fonológico posterior, posição na palavra e tonicidade da sílaba influenciaria o fenômeno. O *corpus* foi constituído por oito informantes, com escolaridade fundamental e superior, e faixa etária menos de 35 anos e mais de 50 anos.

Como resultado 93% dos dados coletados foram monotongados. Quanto às variáveis linguísticas e extralinguísticas não foram relevantes, apenas à tonicidade se mostrou significativa na análise, sinalizando o contexto tônico como o mais favorável para a ocorrência da monotongação do /ow/. Segundo os dados da pesquisa, 90% dos casos em que a sílaba tônica coincidia com a realização do ditongo foram monotongados. Nesse estudo, os fatores sociais não foram relevantes para a realização da monotongação.

O comportamento variável do ditongo /ej/, na cidade de Porto Alegre – RS foi analisado por Toledo (2011). O objetivo desse estudo era verificar se os condicionamentos linguísticos que influenciam a regra de monotongação de /ej/ na fala da comunidade de Porto Alegre eram iguais aos resultados de outros trabalhos. Nessa pesquisa, a tepe e a fricativa palatal foram os fatores linguísticos que mais influenciaram a monotongação de /ej/. De acordo com os resultados apresentados, o tepe foi o fator que mais influenciou a aplicação da regra variável da monotongação (contabilizando 96% dos casos de ocorrências com tepe) e a fricativa, como a segunda mais influenciável, com 51% dos casos em que o contexto seguinte era ocupado por uma consoante fricativa. Segundo o autor, os fatores sociais não foram considerados tão relevantes para Toledo não há uma concordância entre os estudos Variacionista se esses fatores influenciam ou não a ocorrência do fenômeno em questão.

São vários estudos sobre o fenômeno da monotongação realizados em diferentes regiões do Brasil. Observa-se que existem traços semelhantes nos resultados das diferentes pesquisas, seja nos fatores linguísticos, como o contexto fonológico (tepe, palatal e fricativa palatal), e também em relação aos fatores extralinguísticos (sociais). Nesse sentido, é preciso levar em consideração todas essas particularidades, com o propósito de colaborar com as análises dos dados que serão obtidos em nossa pesquisa.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, apresentamos os procedimentos metodológicos que foram utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa, seguindo o modelo teórico da Sociolinguística, que consiste na seleção de informantes, identificação das variáveis linguísticas e suas variantes, processamento dos dados, interpretação dos resultados e análise dos possíveis fatores condicionadores (linguísticos e extralinguísticos) que favorecem o uso de uma variante sobre outra.

#### 3.1 METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada com um total de 12 informantes (conforme o Quadro 3), com faixa etária de 18 a 30 anos e 40 a 65 anos, sendo seis do sexo masculino e seis do feminino e abrangendo três níveis de escolaridade, fundamental I incompleto, fundamental completo e Ensino Médio. Todos os informantes são feirantes da cidade de Jacobina - BA.

A coleta de dados foi realizada a partir de entrevistas, tendo como instrumento o Questionário Fonético-Fonológico (QFF), sendo a maioria das perguntas retiradas do QFF do Projeto ALiB (2001), a questão 11, “Jacobina é conhecida como a cidade de quê?” e a 13 “Quem nasce no Brasil é o quê?” foram elaboradas pelas autoras dessa pesquisa. Das 14 perguntas, 7 foram para apuração do fenômeno em estudo, são elas: QFF 01, QFF 03, QFF 05, QFF 07, QFF 09, QFF 11 e QFF 13, ao passo que 7 compuseram o questionário para que os informantes não percebessem a intenção das pesquisadoras, são elas, QFF 02, QFF 04, QFF 06, QFF 08, QFF 10, QFF 12 e QFF 14, conforme demonstra o Quadro 2.

**Quadro 2** - Questionário utilizado para as entrevistas.

PERGUNTAS	VOCÁBULOS
Quando se compra uma televisão, um ventilador, um sapato, ele vem da loja dentro de quê?	QFF 01 - “Caixa”
Quando está escuro é porque faltou o quê? [Quando falta energia é que ficou sem?]	QFF 02- “Luz”
O objeto com que se corta tecido?	QFF 03 - “Tesoura”
Antigamente, para passar roupa, usava-se ferro a brasa. Hoje, qual tipo de ferro que se usa?	QFF 04 - “Elétrico”
Aquilo que se passa no pão e se faz da nata do leite?	QFF 05 - “Manteiga”
... uma refeição que se faz, em geral, às 12 horas?	QFF 06 - “Almoço”

O que é que se pesca nos rios, no mar?	QFF 07 - “Peixe”
Qual o contrário de feio?	QFF 08 - “Bonito”
Aquele objeto que se usa para coar o suco?	QFF 09 - “Peneira”
Um tempero de comida que quando se está cortando se chora?	QFF 10 - “Cebola”
Jacobina é conhecida como a cidade de quê?	QFF 11 - “Ouro”
No ovo frito, há uma parte branca e outra amarela. Que nome tem a parte branca?	QFF 12 - “Clara”
Quem nasce no Brasil é o quê?	QFF 13 - “Brasileiro”
Quando fica escuro e as pessoas vão dormir é a?	QFF 14 - “Noite”

Fonte: Elaborado pelas autoras, com base no QFF do Projeto ALiB (2001).

As gravações das entrevistas foram feitas utilizando recursos tecnológicos de forma online, por meio de chamadas de voz, que foram gravadas com a autorização dos informantes, com duração média de 7 minutos. A princípio, as entrevistas seriam realizadas presencialmente, mas optou-se pelo o método de chamadas gravadas, por conta do momento pandêmico causado pela Covid-19, em que a Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda o distanciamento social para evitar o contágio, momento esse que perdura desde março de 2020. Sendo assim, não foi possível o contato direto com os participantes. Foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para que os participantes autorizassem sua participação efetiva na pesquisa.

Após a conclusão das entrevistas, iniciamos as análises das respostas dadas por cada informante, que foram descritas grafematicamente e foneticamente, conforme a fala do entrevistado. As discussões foram divididas em blocos para vocábulos com ditongos “ai”, “ei” e “ou”, considerando os fatores extralinguísticos e aspectos linguísticos favoráveis ou não para a ocorrência da monotongação. Para facilitar a análise e as comparações, foram construídos gráficos e quadros e cada questão foi analisada considerando os dados gerais, os aspectos sociais e os dados intralinguísticos. E quando apresentavam mais de um vocábulo, foi realizada a comparação entre os resultados destes.

### 3.2 INFORMANTES

O estudo apresentado foi feito com amostra de 12 entrevistas, em que a escolha dos informantes levou em consideração que todos fossem feirantes da cidade de Jacobina. O

estudo de campo uma comunidade composta pelos feirantes de Jacobina, que não é apenas um espaço geográfico, mas uma comunidade de trabalho, voltadas para atividade humana.

Foram entrevistados 12 informantes com escolarização e sexo diferentes, uma vez que as diferenças sociais podem interferir no uso linguístico, como destaca Bisol (2001, p. 27): “[...] padrões sociais e linguísticos interagem de tal forma que a correlação entre eles pode apontar a significação linguística de uma variável”. Esses se encontram estratificados, segundo as variáveis sociais: a) sexo (masculino e feminino), b) escolaridade (Ensino Fundamental Completo e incompleto e nível médio) e c) faixa etária: faixa I: (18 a 30 anos) e faixa II: (40 a 65 anos). Os informantes foram distribuídos da seguinte forma:

**Quadro 3 - Grupo de informantes.**

<b>INFORMANTE</b>	<b>FAIXA ETÁRIA</b>	<b>SEXO</b>	<b>ESCOLARIDADE</b>
1	I	F	Fundamental Incompleto
2	I	M	Fundamental Incompleto
3	I	F	Ensino Fundamental Completo
4	I	M	Ensino Fundamental Completo
5	I	F	Ensino Médio
6	I	M	Ensino Médio
7	II	F	Fundamental Incompleto
8	II	M	Fundamental Incompleto
9	II	F	Ensino Fundamental Completo
10	II	M	Ensino Fundamental Completo
11	II	F	Ensino Médio
12	II	M	Ensino Médio

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A seleção dos informantes foi feita seguindo critérios segundo a Teoria Variacionista, dando oportunidade para que cada membro da comunidade de interesse tenha a mesma oportunidade de ser escolhido para participar da pesquisa. Dessa forma, os resultados obtidos para o pequeno número de membro podem ser projetados à comunidade como um todo, apontando algumas tendências do falar desse grupo.

### 3.3 A CIDADE DE JACOBINA

O município de Jacobina - BA está localizado no centro do Estado Baiano, dentro da chamada zona fisiográfica da encosta da Chapada Diamantina. Está localizada a

aproximadamente 330 km de distância da capital, Salvador. Com população estimada em 80.635 habitantes. Limita-se ao Norte: Mirangaba, Saúde e Caém; ao Sul: Várzea Nova e Miguel Calmon; ao Leste: Serrolândia, Quixabeira e Capim Grosso; ao Oeste: Ouroilândia. O Município é composto de quatro distritos, em divisão territorial datada de 1993, sendo eles: Caatinga do Moura, Itaitu, Itapeipú e Junco (IBGE, 2010).

**Figura 1** - Município de Jacobina – BA.



Fonte: Disponível em: <https://goo.gl/mJfVxkImagensdacidadedeJacobina-BA>. Acesso em 04 jun. 2021.

A história do município de Jacobina - BA surge no início do século XVII, com a corrida dos bandeirantes portugueses às minas de ouro descobertas no município, dando sua origem ao devassamento e povoação de Jacobina. A notícia da exploração de minérios na nova terra levou a vinda de inúmeras pessoas de diversos lugares. Um dos primeiros a chegar foi Belchior Dias Moreira, logo em seguida, por volta de 1652 chegaram Antônio de Brito Correia e depois os Guedes de Brito, estes acompanhados de muitos colonos e escravos dando início também as atividades suplementares de criação de gado e de culturas agrícolas essenciais, desenvolvidas a margem rio Itapicuru Mirim, reunindo uma população inicial bastante densa e heterogênea.

Em meio ao progresso ocasionado pela exploração aurífera, a coroa nomeou o então considerado arraial à categoria de vila, com o nome de Vila Santo Antônio de Jacobina em 5 de agosto de 1720. Nesse mesmo período, foram criadas duas casas de fundição, devido a grande quantidade de ouro encontrado na mina de Jacobina. Em 1880, a Vila de Santo

Antônio de Jacobina torna-se cidade com o nome de Agrícola Cidade de Santo Antônio de Jacobina.

Uma das versões sobre o nome da cidade vem do vocábulo indígena “Jacobina”, que significa campo aberto, vasto sem elevação. Outra versão do nome é um mito lendário sobre a existência de um casal indígena chamado Jacó (ele) e Bina (ela). De acordo com a lenda, o casal era bastante cordial com os visitantes, recebiam presentes e ajudavam na comunicação dos visitantes com outros índios, Jacó e Bina eram lideranças dos índios paiaiás, com a morte do casal, o local ficou conhecido como “Jaco e Bina”. No decorrer do tempo a grafia teria passado por mudanças ortográficas sendo elas “Jacoabina”, “Jacuabina”, “Jacoebina” e, finalmente, Jacobina. (MARCELINO, 2001).

Jacobina torna-se a parada ideal e obrigatória para aqueles que estavam atrás de ouro, criação e descanso do gado. Nesse sentido, a cidade torna-se “cidade dos sonhos” e riquezas para todos que chagavam. A mineração foi um fator relevante para esse crescimento e, por conta disso, Jacobina passa a ser conhecida como “cidade do ouro”.

Os exploradores [no século XVI e início do XVII], em suas viagens de levar e trazer gado e procurar riquezas minerais, e também os religiosos sempre passavam pelas terras de Jacó e Bina, tornando-se um local de encontro e repouso dos vaqueiros e viajantes, em geral vindos do litoral para o sertão e vice-versa (FILHO, 2006, p. 39-40).

A mineração teve um papel importante para o então povoado ser decretado cidade, visto que essa acontecia de forma clandestina. Pode-se destacar também a criação de gado que foi importante para o povoamento da cidade surgindo os primeiros indícios da feira livre.

### 3.4 A FEIRA LIVRE DE JACOBINA – BA

A pesquisa foi realizada com a comunidade da feira livre de Jacobina - BA. A Feira livre tem um papel significativo no cotidiano das pessoas, não apenas como um centro de trocas e vendas de mercadorias, mas também é um lugar propício no que diz respeito às relações humanas. Segundo Virgens (2008), a feira livre de Jacobina *a priori* era de forma rudimentar, e era também o principal centro de abastecimento e compra de produtos de primeira necessidade das então classes menos favorecidas.

**Figura 2** - Feira Livre de Jacobina - BA, 1962.



Fonte: Disponível em: < <https://br.pinterest.com/pin/71635450307902035/>> . Acesso em 05 abr. 2021.

O poder público exercia uma influência sobre a feira da cidade, mudando de lugar de acordo com quem estava governando, principalmente no período controlado pelos coronéis; as primeiras mudanças aconteceram no início do século XX. A feira livre era vista como um problema principalmente relacionado às condições higiênicas da cidade, bem como um local de perturbações moral, que causava desordem prejudicando o bem-estar da cidade. Esse era o pensamento do então prefeito, e como argumento este acreditava que, para solucionar os transtornos causados pela feira, era preciso fazer a transferência para outro local, uma vez que esta estava localizada na Rua Getúlio Vargas, no centro da cidade.

De acordo com Virgens (2008), os feirantes não estavam satisfeitos com a transferência da feira livre, porque não foram consultados e tais mudanças não trariam vantagens. Como consequência, surgiram vários debates acerca do assunto no jornal da época “A Palavra”, servindo como porta voz dos feirantes, trazendo em suas páginas noticiários relacionados às questões de higienização e da transferência da feira:

Nossa Prefeitura resolveu mudar a feira de Jacobina de onde se encontra, para um outro local. Primeiramente é bom que se diga que o problema não reside no local onde funciona esse meio de movimentação da vida econômica jacobinense. Ao nosso ver o que existe é a falta de organização. Sabe-se, porém, que a Prefeitura constrói uma área coberta para onde, sem dúvida, irão à feira e o mercado. Se a mudança que se pretende contribuir para o bem de Jacobina, será ótimo. Resta saber se os problemas aqui listados terão solução ou apenas serão transportados para outro

local? Não seria melhor solucioná-los agora? (Jornal, A Palavra. Jacobina/BA, 25 de Abril de 1981).

Um fato relevante em relação ao jornal que defendia a causa dos feirantes é que este pertencia ao político Carlos Alberto Pires Daltro, que era o principal adversário político do atual prefeito da cidade (Flávio Mesquita Marques), com isso é notório que as questões e os interesses partidários eram mais importantes que o bem estar da população.

**Figura 3** - Feira livre de Jacobina – BA, 2021.



Fonte: Jacobina Notícias, 2021.

A feira-livre de Jacobina foi transferida para Rua José Rocha, esquina com Avenida Lomanto Junior, contribuindo positivamente para a urbanização do centro periférico. Em seu entorno, o comércio local tornou-se valorizado sendo possível encontrar lojas de roupas, restaurantes, farmácias e mercados. As novas instalações da feira foram pensadas para abrigar os feirantes com uma cobertura de metal, pois a sua maioria comercializava seus produtos nesse novo espaço. Mesmo com a mudança alguns feirantes ainda permaneciam no antigo local, conhecido como “mercado velho”, nos dias atuais acontece nesse espaço à feirinha dos produtos orgânicos com a venda de verduras, legumes e frutas, exercendo uma forte influência naquele local demonstrando como são difíceis as mudanças de hábitos da população.

As feiras livres são representadas como um espaço vivo e dinâmico de sobrevivência do homem, sendo um tipo de aglomeração que vai além do novo, permanecendo como instrumento de compreensão da história. Muito mais que estabelecer relações entre feirantes e compradores, tornou-se um local de encontros de grande importância na vida da população.

## 4 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÕES

Antes de apresentarmos os dados pormenorizados, cabe ressaltar que, das sete questões, foram apuradas um total de 84 respostas válidas. Desse total, 51,2% foram registrados os vocábulos com a monotongação. Tal resultado indica que o fenômeno em estudo se encontra na fala dos feirantes de Jacobina, mas com valor aproximado com vocábulos não monotongados. Em nenhuma questão obtivemos NS/NL/NO, respectivamente, Não sabe; Não lembra; Não obtida.

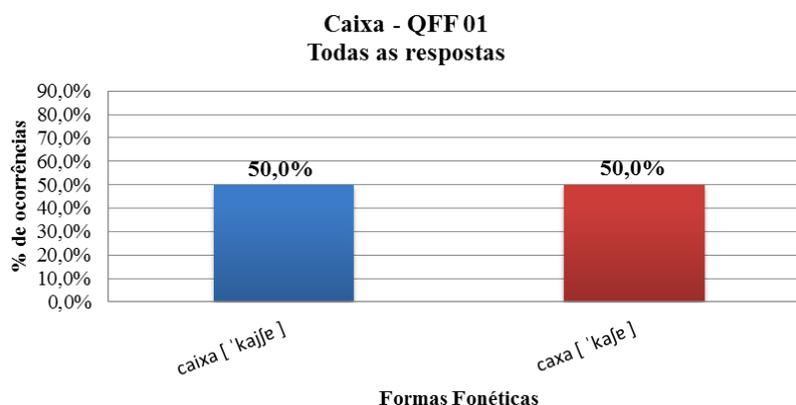
### 4.1 VOCÁBULO COM DITONGO “AI”

Neste item, apresentaremos a questão com o vocábulo que possui “ai”, utilizado nesta pesquisa em que apresenta a possibilidade da monotongação, a saber: QFF 01 (CAIXA).

#### 4.1.1 Questionário Fonético-Fonológico (QFF 01- CAIXA)

Tal questão busca apurar variantes fonéticas para a pergunta assim formulada: QFF 01- “Quando se compra uma televisão, um ventilador, um sapato, ele vem da loja dentro de quê?” (COMITÊ NACIONAL PROJETO ALIB, 2001, p. 7). No cômputo geral, no total de 12 ocorrências válidas, obtivemos 50,0% de monotongação, ao passo que 50,0% não monotongaram, conforme pode ser visto no Gráfico 1.

**Gráfico 1 - Porcentagem das respostas para QFF 01.**



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2021.

O gráfico 1 apresenta as variantes fonéticas da questão QFF 01 e indica que houve a ocorrência do fenômeno estudado na fala dos informantes trabalhadores da feira livre de Jacobina - BA. Observa-se que, desse modo, a monotongação, quando se refere a essa questão, é igualmente proporcional.

No que se refere aos aspectos sociais, percebe-se que, na faixa I, a monotongação apresenta percentual, relativamente baixo com 16,7%. Na faixa II, com 83,3%, encontra-se a predominância pelo item fonético monotongado. Esse resultado evidencia que as pessoas com mais idade tendem a monotongar. Talvez, uma investigação com uma amostra maior de informantes possa comprovar essa evidência.

Ainda sob o aspecto social, os homens apresentam 33,3%, enquanto as mulheres apresentam 66,7%. Percebe-se que, para essa questão, há uma predominância por parte do sexo feminino no uso do vocábulo monotongado, “caxa” [ˈkaxɐ].

No que se refere o aspecto social escolaridade, houve uma relevância considerável, uma vez que, quanto mais acesso a escolarização, menor será a probabilidade de realização do fenômeno, conforme resultados obtidos: de 75,0% no fundamental incompleto, para o Ensino Fundamental Completo 50,0%, e para o Ensino Médio 25,0%. Os resultados referentes à escolaridade se assemelham ao estudo realizado por Lopes (2002), descrito na segunda seção desta pesquisa.

**Quadro 4 - Transcrições Fonéticas (QFF 01)**

<b>INFORMANTES</b>	<b>RESPOSTAS</b>
1	caxa [ˈkaxɐ]
2	caixa [ˈkajfɐ]
3	caixa [ˈkajfɐ]
4	caixa [ˈkajfɐ]
5	caixa [ˈkajfɐ]
6	caixa [ˈkajfɐ]
7	caxa [ˈkaxɐ]
8	caxa [ˈkaxɐ]
9	caxa [ˈkaxɐ]
10	caxa [ˈkaxɐ]
11	caxa [ˈkaxɐ]
12	caixa [ˈkajfɐ]

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2021.

O aspecto linguístico observado para a questão QFF 01 está relacionado ao contexto fonológico seguinte “fricativas”, uma vez que esse fator se mostra mais favorável ao processo

de monotongação, percebido nas ocorrências de “caxa” [ˈkaxɐ]. No entanto, os resultados mostram que, para esse grupo, não foi predominância absoluta, porque tanto o vocábulo “caixa”, quanto o vocábulo “caxa”, conforme o gráfico 1, apresentam porcentagens equivalentes.

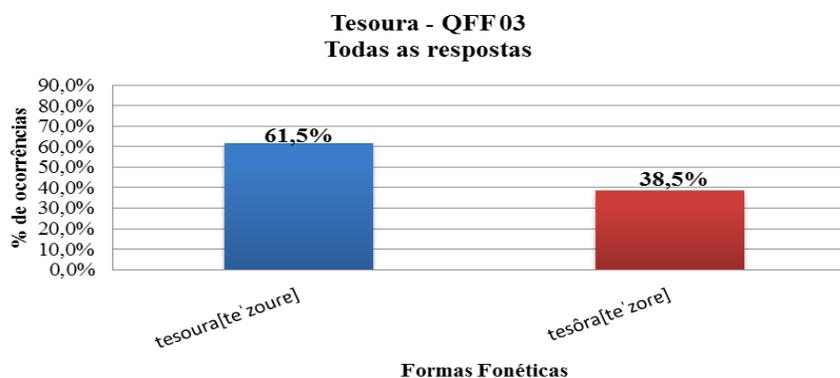
## 4.2 VOCÁBULOS COM DITONGOS “OU”

Neste item, apresentaremos as questões com vocábulos que possuem “ou”, utilizadas nesta pesquisa em que apresentam a possibilidade da monotongação, a saber: QFF 03 (TESOURA) e QFF 11 (OURO).

### 4.2.1 Questionário Fonético-Fonológico (QFF 03 - TESOURA)

Tal questão busca apurar variantes fonéticas para a pergunta assim formulada: QFF 03 - “O objeto com que se corta tecido?” (COMITÊ NACIONAL PROJETO ALIB, 2001, p.07). No cômputo geral, no total de 13 ocorrências válidas, obtivemos 61,5% que não monotongaram, ao passo que 38,5% monotongaram, conforme pode ser visto no Gráfico 2.

**Gráfico 2** - Porcentagem das respostas para QFF 03.



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2021.

O gráfico 2 apresenta as variantes fonéticas da questão QFF 03 e indica que houve a ocorrência do fenômeno analisado (monotongação) na fala dos informantes trabalhadores da feira livre de Jacobina - BA. Observa-se que, desse modo, a monotongação, quando se refere a essa questão, apresenta um percentual baixo, 38,5%.

No que se refere aos aspectos sociais, percebe-se que, na faixa I, encontra-se a predominância do item fonético monotongado, com 50,0%. Na faixa II, apenas 28,6% monotongaram. Esse resultado evidencia que a tendência em monotongar é de um tempo mais recente. Talvez, uma investigação com informantes mais jovens possa comprovar esse fato, ou um estudo com outras faixas etárias.

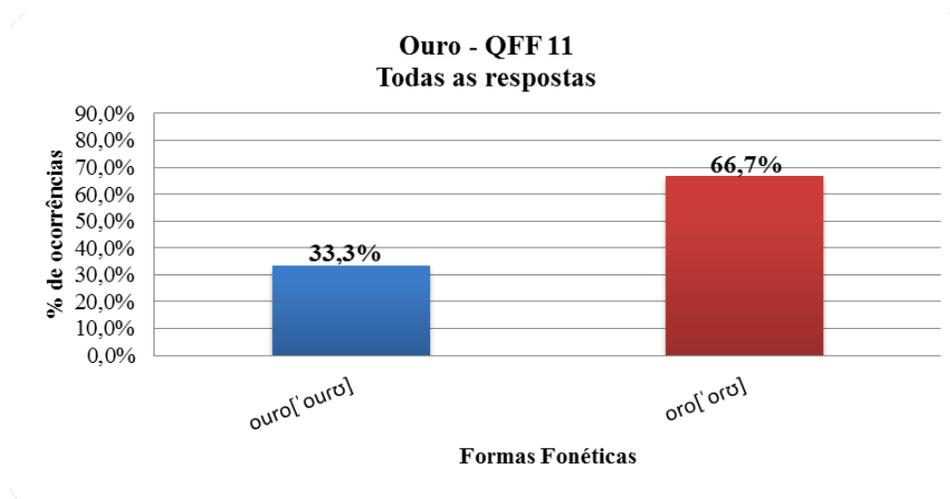
Ainda sob o aspecto social, os homens apresentam 33,3%, enquanto as mulheres apresentam 42,9%. Percebe-se que para essa questão há uma predominância da monotongação na fala das mulheres. O aspecto social mais favorecedor para o fenômeno, nessa questão, foi à escolaridade, pois se observa que, quanto menos acesso à escolarização, maior a probabilidade da ocorrência do monotongo. Para o Ensino Fundamental Incompleto, obteve um percentual de 75,0%, já para o Ensino Fundamental Completo houve um percentual de 25,0%, e para o Ensino Médio 25,0%. Os estudos realizados por Lopes (2002) também evidenciam o fator escolaridade, apresentado na segunda seção deste trabalho.

Quanto aos aspectos linguísticos, uma possibilidade para a ocorrência da monotongação dá-se ao fato da palavra conter um número maior de sílabas e também o seu contexto posterior conter o fonema “r”, que pode influenciar e facilitar a monotongação. Para esse item, essa possibilidade não foi totalmente comprovada, uma vez que os vocábulos monotongados obtiveram números inferiores aos não monotongados.

#### **4.2.2 Questionário Fonético-Fonológico (QFF 11 - OURO)**

A questão seguinte busca verificar as variantes fonéticas para a pergunta assim formulada: QFF 11 - “Jacobina é conhecida como a cidade de quê?”. No âmbito geral, no total de 12 ocorrências válidas, obtivemos 66,7% de monotongação, ao passo que 33,3% não monotongaram, conforme pode ser visto no Gráfico 3.

**Gráfico 3 -** Porcentagem das respostas para QFF 11.



Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

O gráfico 3 mostra as variantes fonéticas da questão QFF 11 e indica que houve a ocorrência do fenômeno investigado (monotongação) na fala dos informantes trabalhadores da feira livre de Jacobina - BA. Percebe-se que, entre os informantes inquiridos, quando se refere a essa questão, a monotongação é predominante.

Com relação aos aspectos sociais, na faixa etária I, 66,7% monotongaram e, na faixa etária II, apresentou o mesmo percentual 66,7%. Esse resultado mostra que para a faixa etária não influenciou para a ocorrência da monotongação. No tocante da variável sexo, os homens e as mulheres apresentam o mesmo percentual de palavras monotongadas com 66,7% para ambos. Demonstrando que esse fator social não influencia para a ocorrência do fenômeno em questão.

Em relação ao fator escolaridade, os resultados mostram certa relevância para o favorecimento da monotongação, uma vez que tanto os informantes que tiveram mais acesso à escolarização quanto os que tiveram menos acesso, monotongaram nas suas falas. Porém, o índice mais elevado foi pertence ao grupo dos que tiveram menos acesso, com um percentual de 100,0% para o fundamental incompleto, 50,0% para o Ensino Fundamental Completo e o Ensino Médio com 50,0%. Na segunda seção dessa pesquisa está resumido o trabalho desenvolvido por Lopes (2002), e tem como fator propício para a monotongação a escolaridade.

Para o vocábulo “ouro”, o aspecto linguístico favorável a monotongação pode estar relacionado ao fato de que posterior ao ditongo encontra-se o fonema “r”, sabendo que o tepe é um fator altamente significativo à realização da monotongação. Para esse estudo, foi um fator relevante, porque o número de vocábulos monotongados foi predominante. Esse resultado tem semelhança com as pesquisas de Aragão (2000), Lopes (2002), Carvalho (2007) e Santos Chaves (2010), apresentados na segunda seção desse trabalho.

#### 4.2.3 Comparação entre as questões QFF 03 e QFF 11

Nessa subseção, haverá uma comparação entre as duas questões escolhidas que possuem o ditongo “ou”. Observa-se que, dois dos informantes mais escolarizados, 5 e 12, não apresentaram a monotongação em suas falas, pertencem ao grupo que tiveram mais acesso a escolarização, e assim, menor possibilidade de apresentar ocorrência de monotongação no que se refere às questões respondidas, conforme quadros 5 e 6.

**Quadro 5** - Transcrições Fonéticas (QFF 03)

INFORMANTES	RESPOSTAS
1	tesôra[te'zore]
2	tesoura[te'zoure]
3	tesôra[te'zore]
4	tesoura[te'zoure]
5	tesoura[te'zoure]
6	tesôra[te'zore]
7	tisôra [tʃi'zore]
8	tesôra[te'zore]
9	tesoura[te'zoure]
10	tesoura[te'zoure]
11	tesoura[te'zoure]
12	tesoura[te'zoure]

Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

**Quadro 6** - Transcrições Fonéticas (QFF11)

INFORMANTES	RESPOSTAS
1	oro['oru]
2	oro['oru]
3	ouro['ouru]
4	oro['oru]
5	ouro['ouru]
6	oro['oru]
7	oro['oru]
8	oro['oru]
9	oro['oru]
10	ouro['ouru]
11	oro['oru]
12	ouro['ouru]

Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

Nos quadros 5 e 6, estão expostas as transcrições das respostas dos informantes, para as questões QFF 03 e QFF 11, para comparar se existem características semelhantes ou não entre estas, considerando os fatores linguísticos e extralinguísticos. Fica evidente que, para ambas as perguntas, ocorreu a monotongação, e se assemelham, porque tanto na fala das

mulheres como dos homens, monotongaram; visto que, em “ouro”, houve um percentual idêntico, e em “tesoura” foi 42,9% para as mulheres e 33,3% para os homens. Segundo observa-se nos exemplos a seguir:

**Exemplo 1:**

**INQ:** "O objeto com que se corta tecido?"

**INF:** tesôra [te'zore]

(Inf. 01, mulher, faixa I, fundamental incompleto).

**Exemplo 2:**

**INQ:** "O objeto com que se corta tecido?"

**INF:** tesôra [te'zore]

(Inf. 08, homem, faixa II, fundamental incompleto).

**Exemplo 3:**

**INQ:** "Jacobina é conhecida como a cidade de quê?"

**INF:** oro ['oru]

(Inf. 07, mulher, faixa II, fundamental incompleto).

Os informantes 1, 7 e 8 foram os que monotongaram nas duas palavras e estão no grupo do Ensino Fundamental Incompleto, podemos concluir que o acesso restrito a escolarização pode influenciar nas respostas, de modo a favorecer à realização do fenômeno em estudo, no que tange aos vocábulos analisados.

#### 4.3 VOCÁBULOS COM DITONGOS “EI”

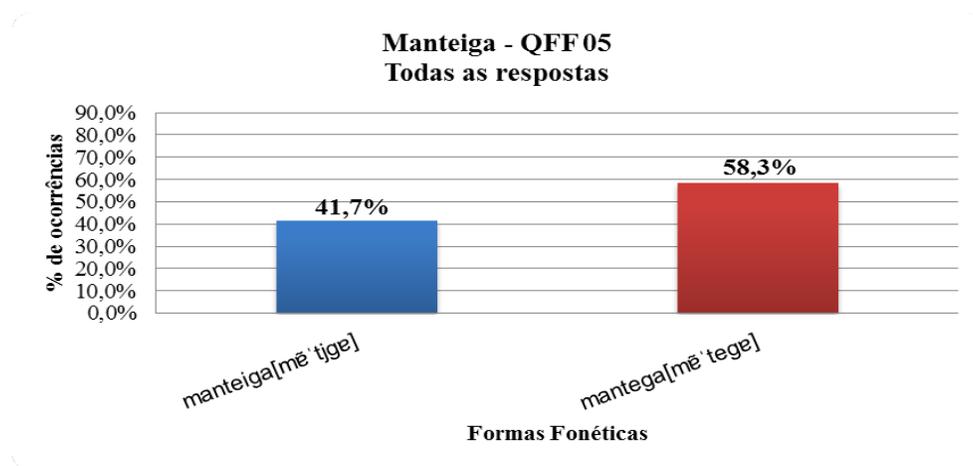
Nesta subseção, apresentaremos as questões com vocábulos que possuem “ei” utilizadas nesta pesquisa em que apresentam a possibilidade da monotongação, a saber: QFF 05 “MANTEIGA”, QFF 07 “PEIXE”, QFF 09 “PENEIRA” e QFF 13 “BRASILEIRO”.

##### 4.3.1 Questionário Fonético-Fonológico (QFF 05 - MANTEIGA)

Tal questão busca verificar as variantes fonéticas para a pergunta assim formulada: QFF 05 - “Aquilo que se passa no pão e se faz da nata do leite”? (COMITÊ NACIONAL

PROJETO ALIB, 2001, p. 09). No cômputo geral, no total de 12 ocorrências válidas, obtivemos 58,3% de monotongação, ao passo que 41,7% não monotongaram, conforme pode ser visto no Gráfico 4.

**Gráfico 4** - Porcentagem das respostas para QFF 05.



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2021.

Conforme exposto no gráfico 4, as variantes fonéticas da questão QFF 05 mostram que houve a ocorrência da monotongação, e que a forma monotongada fica mais evidente na fala dos informantes trabalhadores da feira livre de Jacobina.

Para os aspectos sociais, é perceptível que, na faixa II, encontra-se a predominância do item fonético monotongado, com 66,7%, ao passo que, na faixa I, com 50,0%. Esse resultado evidencia que as pessoas com mais idade têm tendência a monotongar. Talvez uma investigação com um número maior de informantes possa comprovar essa afirmação. Considerando a variável sexo, as mulheres apresentam 66,7%, e os homens 50,0%. Nota-se que, nessa questão, a predominância de palavras monotongadas está presente nas falas das informantes do sexo feminino.

O aspecto social que mais favoreceu para o fenômeno nessa questão, foi à escolaridade, também observado nos estudos de Lopes (2002) e consta na segunda seção dessa pesquisa, pois se observa que, quanto mais acesso à escolarização, menor a probabilidade da ocorrência do monotongo, para o Ensino Fundamental Incompleto houve um percentual de 100,0%, para o Ensino Fundamental Completo 50,0% e para o Ensino Médio 25,0%.

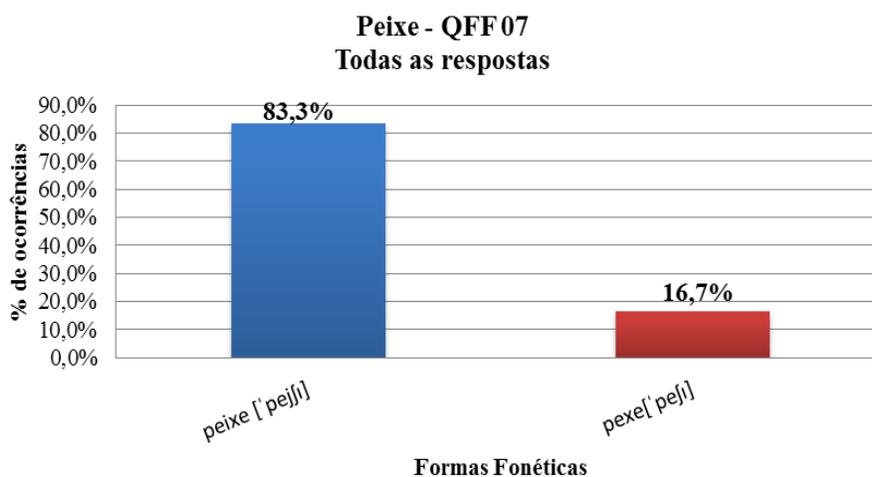
O aspecto linguístico observado sobre este vocábulo foi à extensão da palavra, já que alguns estudos, como o de Aragão (2000), realizado na cidade de Fortaleza, e o de Santos e

Chaves (2010), realizado no Acre, descritos na segunda seção deste trabalho, indicando que quanto maior o número de sílabas na palavra, maior é a chance de ocorrer a monotongação. Para esse item, essa característica se encaixa na nossa pesquisa, prevalecendo o maior número de vocábulos monotongados.

#### 4.3.2 Questionário Fonético-Fonológico (QFF 07 - PEIXE)

A questão seguinte busca verificar as variantes fonéticas para a pergunta assim formulada: QFF 07 - “O que é que se pesca nos rios, no mar?” (COMITÊ NACIONAL PROJETO ALIB, 2001, p.10). No âmbito geral, no total de 12 ocorrências válidas, obtivemos 83,3% de não monotongação, ao passo que 16,7% monotongaram, conforme pode ser visto no Gráfico 5.

**Gráfico 5** - Porcentagem das respostas para QFF 07.



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2021.

No gráfico 5, encontram-se as variantes fonéticas da questão QFF 07 e indica que houve a ocorrência do fenômeno estudado (monotongação) na fala dos informantes. No entanto, a predominância é para a forma não monotongada.

No que se refere aos aspectos sociais, nota-se que, tanto a faixa etária I quanto a faixa etária II, o percentual de monotongação é idêntico com 16,7%. Esse resultado evidencia que a tendência em não monotongar está presente tanto nas pessoas jovens como nas de maior idade, no que tange à questão analisada.

Ainda sob o aspecto social, os homens e as mulheres apresentaram o mesmo índice de monotongação com 16,7%. Dessa forma, o fator sexo não foi relevante para a ocorrência do fenômeno.

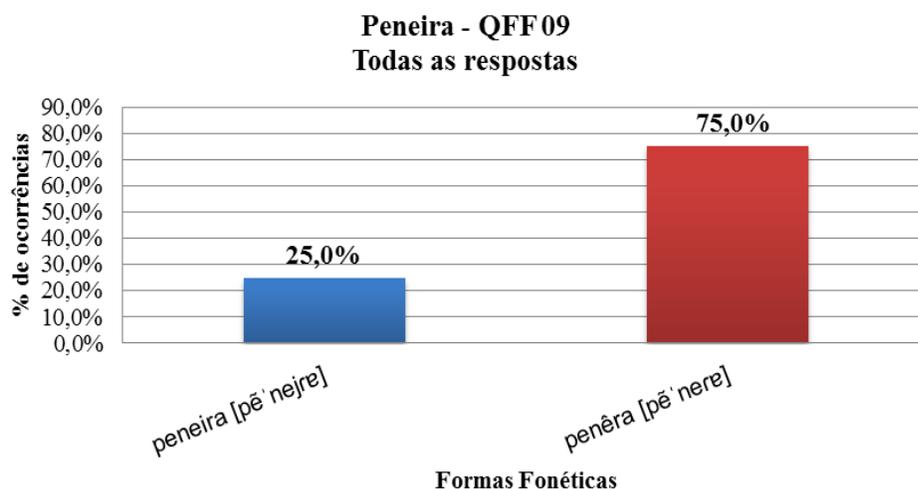
Com relação à escolaridade, foi um fator favorável a monotongação, pois se observa que, quanto mais acesso à escolarização, menor a probabilidade da ocorrência do monotongo, para o Ensino Fundamental Incompleto houve um percentual de 25,0%, no Ensino Fundamental Completo 25,0% e 0,0% no Ensino Médio, essa observação se assemelha aos resultados da pesquisa realizada por Lopes (2002) e resumida na segunda seção desse trabalho.

O aspecto linguístico observado, para a questão QFF 07, está relacionado ao contexto posterior seguinte “fricativa”, uma vez que esse fator se mostra mais favorável ao processo de monotongação. Entretanto, os resultados mostram que, para esse grupo, não foi predominância absoluta, porque o que predominou foi à forma não monotongada, “peixe”.

#### 4.3.3 Questionário Fonético-Fonológico (QFF 09 - PENEIRA)

Essa questão tem como objetivo apurar variantes fonéticas para a pergunta assim formulada: QFF 09 - “Aquele objeto que se usa para coar o suco?” (COMITÊ NACIONAL PROJETO ALIB, 2001, p.09). No geral, com um total de 12 ocorrências válidas, obtivemos 75,0% de monotongação, ao passo que 25,0% não monotongaram, conforme pode ser visto no Gráfico 6.

**Gráfico 6** - Porcentagem das respostas para QFF 09.



Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

O gráfico 6 apresenta as variantes fonéticas da questão QFF 09 e sinaliza que houve a ocorrência do fenômeno analisado (monotongação) na fala dos informantes trabalhadores da feira livre de Jacobina. Observa-se que, desse modo, a monotongação, quando se refere a essa questão, é majoritária.

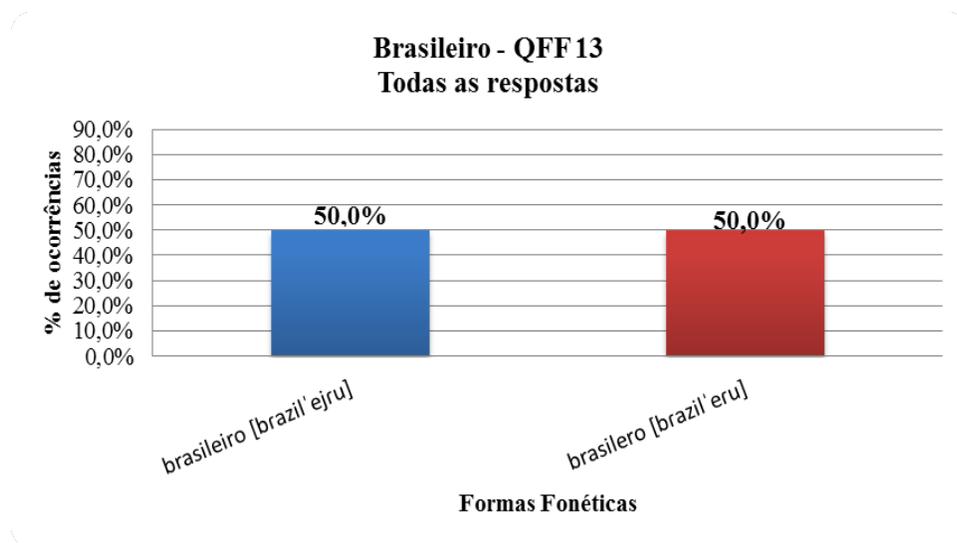
Em referência aos aspectos sociais, percebe-se que, na faixa I, encontra-se a predominância do item fonético monotongado, com 83,3%, e, na faixa II, com 66,7%. O resultado mostra que a predisposição em monotongar aumentou, embora a monotongação apresente índices elevados nas duas faixas etárias. Talvez, uma investigação com um número de informantes de outras faixas etárias possa comprovar esse fato.

Sob o aspecto social sexo, os homens apresentam 50,0%, enquanto as mulheres apresentam 100,0%, demonstrando que a predominância da monotongação está presente na fala das feirantes. O fator escolaridade não apresentou uma relevância considerável, visto que o monotongo esteve presente em todos os níveis de escolarização, para o Ensino Fundamental Incompleto 75,0%, para o Ensino Fundamental Completo 75,0% e o Ensino Médio 75,0%.

Para este item, o aspecto linguístico mais notável diz respeito ao tamanho da palavra, bem como o fonema “r”, em posição posterior ao ditongo, porque quanto maior o número de sílabas na palavra, maior a probabilidade de ocorrer a monotongação. E também a tepe “r” depois do ditongo tem maior influência para a ocorrência da monotongação, tal aspecto contribuiu para a nossa pesquisa, visto que para esse item apresentou um percentual elevado, esse fator é semelhante aos resultados dos estudos de Aragão (2000), Carvalho (2007), Lopes (2002), Santos e Chaves (2010) e Toledo (2011), presentes na segunda seção desta pesquisa.

#### **4.3.4 Questionário Fonético-Fonológico (QFF 13 - BRASILEIRO)**

A questão busca constatar as variantes fonéticas para a pergunta assim formulada: QFF 13 - “Quem nasce no Brasil é o quê?”. No total de 12 ocorrências válidas, obtivemos valores iguais para as ocorrências monotongadas e não monotongadas com percentual de 50,0%, conforme pode ser visto no Gráfico 7.

**Gráfico 7 -** Porcentagem das respostas para QFF 13

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2021.

As variantes fonéticas da questão QFF 13 apresentadas, no Gráfico 7, indicam que houve a ocorrência do fenômeno em análise na fala dos informantes trabalhadores da feira livre de Jacobina - BA. Contudo, quando se refere a essa questão, as ocorrências monotongadas são equivalentes às não monotongadas.

Quanto aos fatores sociais, observou-se que, na faixa etária I e na faixa etária II, o índice de monotongação foi idêntico, com percentual de 50,0%. Esse resultado evidencia que a tendência em monotongar está presente tanto nas pessoas jovens quanto nos mais velhos. Ainda sob o aspecto social, os homens e as mulheres apresentaram o mesmo índice de monotongação com 50,0%; dessa forma, o fator sexo não foi relevante para a ocorrência do fenômeno.

O fator escolaridade não apresentou uma relevância considerável, visto que a monotongação esteve presente em todos os níveis de escolarização. Para o Ensino Fundamental Incompleto, Ensino Fundamental Completo e o Ensino Médio, apresentaram o mesmo percentual de 50,0%.

Para este item, o aspecto linguístico segue o mesmo vocábulo “peneira”, que diz respeito a extensão da palavra, bem como o fonema “r”, em posição posterior ao ditongo, porque quanto maior o número de sílabas na palavra, maior a probabilidade de ocorrer a monotongação. E também a tepe “r” depois do ditongo, tem maior influência para a

ocorrência da monotongação, esse aspecto não foi totalmente relevante, pois os índices de monotongação foram igualmente proporcionais.

#### 4.3.5 Comparação entre as questões QFF 05, QFF 07, QFF 09 e QFF 13

Nessa subseção, haverá uma comparação entre as quatro questões escolhidas, que possuem o ditongo “ei”. Observa-se a presença da monotongação em algumas respostas, sendo que apresentam características semelhantes, tais com a extensão do vocábulo conforme quadros 7, 8, 9 e 10.

**Quadro 7 - Transcrições Fonéticas (QFF 05)**

INFORMANTES	RESPOSTAS
1	mantega[mẽ'tege]
2	mantega[mẽ'tege]
3	manteiga[mẽ'tejge]
4	mantega[mẽ'tege]
5	manteiga[mẽ'tjge]
6	manteiga[mẽ'tege]
7	mantega[mẽ'tege]
8	mantega[mẽ'tege]
9	mantega[mẽ'tege]
10	manteiga[mẽ'tejge]
11	mantega[mẽ'tege]
12	manteiga[mẽ'tejge]

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2021.

**Quadro 8 - Transcrições Fonéticas (QFF 07)**

INFORMANTES	RESPOSTAS
1	peixe ['pejĩ]
2	peixe ['pejĩ]
3	peixe ['pejĩ]
4	peixe ['pejĩ]
5	peixe ['pejĩ]
6	peixe ['pejĩ]
7	peixe ['pejĩ]
8	peixe ['pejĩ]
9	peixe ['pejĩ]
10	peixe ['pejĩ]
11	peixe ['pejĩ]
12	peixe ['pejĩ]

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2021.

**Quadro 9 - Transcrições Fonéticas (QFF 09)**

INFORMANTES	RESPOSTAS
1	penêra[pẽ'nerẽ]
2	peneira[pẽ'nejrẽ]
3	penêra[pẽ'nerẽ]
4	penêra[pẽ'nerẽ]
5	penêra[pẽ'nerẽ]
6	penêra[pẽ'nerẽ]
7	penêra[pẽ'nerẽ]
8	penêra[pẽ'nerẽ]
9	penêra[pẽ'nerẽ]
10	peneira[pẽ'nejrẽ]
11	penêra[pẽ'nerẽ]
12	peneira[pẽ'nejrẽ]

Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

**Quadro 10 - Transcrições Fonéticas (QFF 13)**

INFORMANTES	RESPOSTAS
1	brasileiro [brazil'eru]
2	brasileiro [brazil'ejru]
3	brasileiro [brazil'ejru]
4	brasileiro [brazil'eru]
5	brasileiro [brazil'ejru]
6	brasileiro [brazil'eru]
7	brasileiro [brazil'ejru]
8	brasileiro [brazil'eru]
9	brasileiro [brazil'eru]
10	brasileiro brazil'ejru
11	brasileiro [brazil'eru]
12	brasileiro [brazil'ejru]

Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

Nos quadros comparativos, estão expostas as transcrições das respostas dos informantes para as questões QFF 05, QFF 07, QFF 09 e QFF 13, a fim de constatar se

existem características semelhantes ou não entre estas, considerando os fatores linguísticos e extralinguísticos.

Um aspecto relevante para a ocorrência da monotongação está relacionado às variáveis linguísticas, como a extensão da palavra e a tepe “r”. Nota-se que os vocábulos possuem uma quantidade maior no número de sílabas a serem favorecedoras do fenômeno em estudo, bem como a tepe “r” posterior ao ditongo, como podemos observar nas palavras “peneira”, “brasileiro” e “manteiga”. O diferencial para o aspecto linguístico está presente no vocábulo “peixe”, uma vez que considerando que a fricativa na posição posterior ao ditongo facilita sua monotongação, porém, nesse estudo a predominância para este vocábulo foi a forma não monotongada.

Com relação a variável sexo, a predominância em monotongar ficou evidente para o sexo feminino, com exceção das palavras, “brasileiro” e “peixe”, cujos percentuais foram idênticos. Os informantes 1 e 4 foram os que monotongaram em todas as palavras – com exceção de “peixe” –, pertencem ao grupo do Ensino Fundamental Incompleto e Completo. Assim, podemos concluir que o menor acesso a escolarização pode influenciar na ocorrência do fenômeno.

**Exemplo 4:**

**INQ:** Aquilo que se passa no pão e se faz da nata do leite?

**INF:** manteiga [mẽ'tegɐ]

(Inf. 01, mulher, faixa I, fundamental incompleto).

**Exemplo 5:**

**INQ:** Quem nasce no Brasil é o quê?

**INF:** brasileiro [brazil'eru]

(Inf. 01, mulher, faixa I, fundamental incompleto).

**Exemplo 6:**

**INQ:** Quem nasce no Brasil é o quê?

**INF:** brasileiro [brazil'eru]

(Inf. 4, homem, faixa I, Ensino Fundamental Completo).

**Exemplo 7:**

**INQ:** O que é que se pesca nos rios, no mar?

**INF:** peixe ['pejfi]

(Inf. 01, mulher, faixa I, fundamental incompleto).

**Exemplo 8:**

**INQ:** O que é que se pesca nos rios, no mar?

**INF:** peixe ['pefi]

(Inf. 4, homem, faixa I, Ensino Fundamental Completo).

Diante dos resultados apresentados, e como foi descrito nos exemplos acima, é possível observar que o fenômeno da monotongação está presente na fala dos feirantes de Jacobina, e que, os fatores extralinguísticos com sexo, faixa etária e escolaridade podem influenciar na ocorrência deste.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de analisar a ocorrência do fenômeno sociolinguístico da monotongação na fala dos feirantes de Jacobina-BA, desenvolvemos esta pesquisa que demonstra, a partir das análises dos resultados obtidos, que, por meio da supressão do ditongo a uma simples vogal, é conduzido em destaque pela natureza linguística e também pelos fatores extralinguísticos. A partir desse trabalho, foi possível evidenciar alguns pontos que irão servir de embasamento para outros pesquisadores que venham a se interessar pelo estudo de fenômenos linguísticos, sob a perspectiva da variação e mudança, em especial, a monotongação.

A princípio, produzimos um levantamento teórico dos conceitos como embasamento para as nossas análises. Apresentamos conteúdos relacionados às concepções de língua na história da Linguística com os primeiros estudos sobre a linguagem humana, assim como com o desenvolvimento dessa ciência, esclarecendo como surgiu essa nova vertente, a Sociolinguística. Dessa forma, especificamos como a língua é entendida pelo viés de três correntes linguísticas, o Estruturalismo, o Gerativismo e a Sociolinguística, a última como nosso aporte teórico fundamental.

Outros estudos referentes ao fenômeno da monotongação já foram realizados em outras regiões do Brasil, porém, na comunidade dos feirantes do município de Jacobina - BA, o estudo ora proposto mostrou-se inédito. Diante dos resultados, ficou evidente que o fenômeno estudado está presente na fala dos informantes, apresentando características diversas, a depender do vocábulo analisado. Assim, podem-se observar algumas considerações acerca das análises desta pesquisa.

É oportuno afirmar que aos fatores sociais apresentaram maior relevância do que os fatores linguísticos. Diante disso, notou-se que os resultados obtidos na investigação indicaram que a variável sexo foi significativa para esse estudo, uma vez que o maior número de ocorrências está presente na fala das mulheres; assim, a tendência em monotongar é predominantemente para o sexo feminino.

Quanto aos resultados referentes à faixa etária, não apresentou uma diferença significativa para o fenômeno, visto que tanto as pessoas mais jovens quanto as com mais idade apresentaram índices próximos, evidenciando que, geralmente, a presença do monotongo independe da faixa etária.

Outro aspecto relevante nessa pesquisa está relacionado ao fato variável da escolaridade, pois, nas ocorrências encontradas, as porcentagens maiores estão presentes nas respostas dos informantes com menos escolarização. Isso evidencia que as pessoas que tiveram menos acesso à escolarização tendem a monotongar com mais frequência. Diante disso, os informantes mais escolarizados apresentaram índices menores quanto à monotongação.

No tocante ao aspecto linguístico, os resultados confirmaram a evidência de que a extensão da palavra influencia para a ocorrência da monotongação, porque quanto maior for o número de sílabas, mais provável será a ocorrência do fenômeno. Nota-se que a tepe “r” posterior ao ditongo, como podemos observar os vocábulos “peneira” e “brasileiro”, também é favorável ao monotongo.

Espera-se que esse estudo possa contribuir para as futuras pesquisas na área da linguagem, principalmente no município de Jacobina, no que se refere aos estudos da Linguística, podendo despertar o interesse por outros fenômenos linguísticos existentes na fala das pessoas desse município, bem como de outras regiões do Brasil. Ainda possibilitando uma maior compreensão acerca da diversidade linguística e colaborando para o combate ao preconceito linguístico.

## REFERÊNCIAS

- ALKMIM, Tânia Maria. **Sociolinguística** - Parte I. *In*: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). *Introdução à Linguística*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 21-47.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Ditongação e Monotongação no Falar de Fortaleza. **Graphos**, João Pessoa, v. 5, n. 1, p. 109-122, 2000.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva. Monotongação em capitais do nordeste brasileiro: Dados do Alib. *In*: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; PAIM, Marcela Moura Torres (Orgs.). **Documentos 3**: projeto atlas linguístico do Brasil. Salvador: Vento Leste, 2012. p. 77-93.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**: o que é e como se faz? 49. ed. São Paulo: Editora Loyola, 1999.
- BISOL, Lêda (Org.). **Introdução a estudos de fonologia no português brasileiro**. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRGS, 2001.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BOTELHO, José Mario; LEITE, Isabelle Lins. Metaplasmos contemporâneos: um estudo acerca das atuais transformações fonéticas da Língua Portuguesa. *In*: II Congresso de Letras da UERJ, 2005, São Gonçalo. **Anais do II CLUERJ-SG**. Volume Único, Ano 2, n. 01, 2005. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/cluerj-sg/anais/ii/organizacao.htm>. Acesso em: 19 de abril 2021.
- CABRAL, Marina da Silva. Um breve percurso sobre a história da linguística e suas influências na sociolinguística. **Uox**, n. 2, 2014. p. 85-93.
- CÂMARA JR. J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Elementos de fonética do português brasileiro**. São Paulo: Paulistana, 2007.
- CARVALHO, Solange Carlos de. **Estudo variável do apagamento dos ditongos decrescentes orais na fala do Recife**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.
- CALLOU, Dinah. O projeto NURC no Brasil: da década de 70 à década de 90. **Linguística**, n. 11, p. 231-50, 1999.
- CALVET, Louis Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2002.

- CAMACHO, Roberto. **A variação linguística**. In: HONÓRIO, Hildo. A redação como libertação (Coord.). 2. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1990.p.41-51.
- CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTA, Mario Eduardo. (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 141- 155.
- CHOMSKY, Noam. **Aspectos da teoria da sintaxe**. Coimbra: Armênio Amado Editor, 1965.
- CHOMSKY, Noam. **Aspectos da teoria da sintaxe**. 2ª ed. Coimbra: Armênio Amado Editor, 1978.
- COELHO, Izete. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.
- CRISTOFOLINI, Carla. Estudo da monotongação de [ow] no falar Florianopolitano: perspectiva acústica e sociolinguística. **Revista da ABRALIN**, v. 10, n. 1, p. 205-229, 2011.
- CHOMSKY, Noam. Conhecimento da história e construção teórica na linguística moderna. **Delta**, São Paulo, v. 13, n. Spe, 1997. Available from: <https://www.scielo.br/j/delta/a/XwrFPzyfzCLSKfryYqsfJth/?lang=pt>. Access 20 set. 2010.
- COELHO, Izete Lehmkuhl.; GORSKI, Edair Maria. A variação no uso dos pronomes tu e você em Santa Catarina. In: COUTO, Leticia Rebollo; LOPES, Célia Regina dos Santos (Orgs.) **Formas de tratamento em Português e Espanhol: variação, mudança e funções conversacionais**. Rio de Janeiro. No prelo, 2010.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB: **Atlas Linguístico do Brasil: Questionários**. Londrina: UEL, 2001.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- DALTO, Carlos Alberto Pires. Muda-se a feira ou altera-se o poder. In: **A Palavra**. Jacobina: 25 de abril, 1981.
- DIAS, Ana Lourdes Cardoso. **Ismael de Lima Coutinho e sua gramática histórica**. Mediação [on-line]. Pires do Rio - GO, v. 10, n. 1, p. 120-134, jan./dez. 2015. Disponível em: [www.revista.ueg.br/index.php/mediacao/article/view/4086](http://www.revista.ueg.br/index.php/mediacao/article/view/4086). Acesso em: 19 abr. 2021.
- ECKERT, Penelope. Variation, convention and social meaning. **Paper Presented at the Annual Meeting of the Linguistic Society of America**. Oakland CA, 2005. jan. 7.
- ECKERT, Penelope; McConnell-Ginet, Sally. 2010. Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder, In: Ostermann, Ana Cristina; Fontana, Beatriz. **Linguagem, gênero e sexualidade: clássicos traduzidos**, São Paulo, Parábola: p. 93-107.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica**. São Paulo: Ática, 1991.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FARACO, Carlos Alberto. **Estudos pré- saussurianos**. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). *Introdução à linguística*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 27-51

FIGUEROA, Ester. **Sociolinguistic metatheory**. Oxford: Pergamon, 1996.

FILHO, Raphael Rodrigues Vieira. **Os Negros em Jacobina (Bahia) no Século XIX**. São Paulo: PUC-SP, 2006. Tese [Doutorado em História Social].

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HORA, Dermeval da. (Org.). **Estudos linguísticos: perfil de uma comunidade**. João Pessoa: UFPB, 2004, p. 13-28.

HORA, Dermeval da. **Fonética e fonologia da língua portuguesa**. 2009. Disponível em: <https://docplayer.com.br/4277006-Demerval-da-hora-oliveira.html>. Acesso em: 04 jul. 2021.

LABOV, William. Sociolinguistic pattern. **Philadelphia**: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William. **Where does the Linguistic variable stop?** A response to Beatriz Lavandera. In: *Sociolinguistic Working Papers*, 44,p-43-88, 1978.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LEMLE, Miriam. Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa. **Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, v. 53, n.4, p. 60-94, abr./set. 1978.

LOPES, Raquel. **A realização variável dos ditongos /ow/ e /ej/ no português falado em Altamira/PA**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Pará, Belém, 2002.

MACHADO, Rafaela Veloso. Ditongo. In: HORA, Dermeval da; PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro (Org.). **Introdução à fonologia do português brasileiro**. João Pessoa: Editora da UFPB/ UFPB Virtual, 2012, p. 161-182

MARCELINO, Maria da Conceição Rocha. Segredos do Acaso. **A Letra em Revista**, Jacobina- BA: Academia Jacobinense de Letras, p. 52-53, set. 2001.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

MOLLICA, Maria Cecília e BRAGA Maria Luiza. **Introdução a Sociolinguística: o tratamento da variação**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.

MOUNIN, Georges. **História da linguística: das origens ao século XX**. Porto: Despertar, 1970.

PROJETO ATLAS LINGÜÍSTICO DO BRASIL – PROJETO ALiB. Disponível no site <http://www.alib.ufba.br/>. Acesso em: 23 de agosto de 2021.

SANTOS, Francisca Luana da Costa; CHAVES, Lindinalva Messias. O processo da monotongação nos falares de Plácido de Castro – AC. **Revista Philologus**. Rio de Janeiro, ano 16, n. 46, 2010, p. 100-116.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1973, p. 80.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. Org.: Charles Bally; Albert Sechehaye; Col.: Albert Rielinger. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Thaís Cristóforo. **Fonética e fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

SILVA, Thaís Cristóforo. **Dicionário de fonética e fonologia**. São Paulo: Contexto, 2011, p. 153.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2000.

TOLEDO, Eduardo Elisalde. **A monotongação do ditongo decrescente /ej/ em amostra de recontato de Porto Alegre**. 2011. 109 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

VIRGENS, Silvia Catarina Araujo das. **Feira Livre de Jacobina, BA**: o processo de transferência (1977-1985). 2008. Monografia (Aperfeiçoamento/Especialização em História, Cultura Urbana e Memória) - Universidade do Estado da Bahia.

## ANEXOS

**ANEXO 01 - Questionário utilizado nas entrevistas com os feirantes da cidade de Jacobina – BA**



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA-UNEB  
 DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS CAMPUS-IV  
 LETRAS, LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS  
 DISCIPLINA: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO TCC  
 ORIENTADOR: Prof. Me. LEANDRO ALMEIDA  
 DISCENTES: CARLA GISLENE OLIVEIRA E SIMONE LUZ DA SILVA PUGLISEL

**QUESTIONÁRIO DESENVOLVIDO A PARTIR DE ALGUMAS QUESTÕES EXTRAÍDAS DO QUESTIONÁRIO PROJETO ALIB**

Nome: \_\_\_\_\_

Data de nascimento: \_\_\_\_\_

Escolaridade: \_\_\_\_\_

Sexo: \_\_\_\_\_

01 – “Caixa” - Quando se compra uma televisão, um ventilador, um sapato, ele vem da loja dentro de quê?

02 – “Luz” - Quando está escuro é porque faltou o quê?[Quando falta energia é que ficou sem?]

03 – “Tesoura” – O objeto com que se corta tecido?

04 – “Elétrico” – Antigamente, para passar roupa, usava-se ferro a brasa. Hoje, qual tipo de ferro que se usa?

05 – “Manteiga” – Aquilo que se passa no pão e se faz da nata do leite?

06 – “Almoço” - ... uma refeição que se faz, em geral, às 12 horas?

07 – “Peixe” – O que é que se pesca nos rios, no mar?

08 – “Bonito” – Qual o contrário de feio?

09 – “Peneira” – Aquele objeto que se usa para coar o suco?

10 – “Cebola” – Um tempero de comida que quando se está cortando se chora?

11- “Ouro” – Jacobina é conhecida como a cidade de quê?

12 – “Clara” – No ovo frito, há uma parte branca e outra amarela. Que nome tem a parte branca?

13 – “Brasileiro” – Quem nasce no Brasil é o quê?

14 – “Noite” – Quando fica escuro e as pessoas vão dormir é a?

OBS: Os vocábulos em vermelho serão utilizados para encontrar o fenômeno estudado.

**ANEXO 02 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), utilizado para a realização das entrevistas, com o consentimento dos informantes**



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS  
IV/JACOBINA**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO Nº 466/12 OU 510/16 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

**I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO**

Nome do Participante:

\_\_\_\_\_

Documento de Identidade nº: \_\_\_\_\_ Sexo: F ( ) M

( )

Data de Nascimento: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_ Complemento: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Telefone: (\_\_\_\_) \_\_\_\_\_ / (\_\_\_\_) \_\_\_\_\_ /

**II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:**

1. **TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA:** A monotongação na fala dos feirantes de Jacobina- Ba
2. **PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL:** Carla Gislene Oliveira Ribeiro e Simone Luz da Silva Puglisl
3. **Cargo/Função:** Pesquisadoras/Estudantes de graduação.

### **III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:**

O (a) senhor (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa de Conclusão de Curso, de responsabilidade das pesquisadoras Carla Gislene Oliveira Ribeiro e Simone Luz da Silva Puglissel, sob a orientação de Leandro Almeida dos Santos, docente da Universidade do Estado da Bahia.

A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios, tais como: Os resultados deste estudo serão divulgados em meio acadêmico e científico, através de publicação do artigo científico em revista e/ou apresentação em evento, mantendo sempre seu sigilo e anonimato. **Caso aceite o Senhor(a) participará da construção dos dados da pesquisa, ocorrerá por meio dos seguintes instrumentos:** Gravação de entrevista (em áudio) com uso de um questionário. Essa pesquisa pode, devido ao levantamento de informações os(as) senhor(a) poderá enfrentar possíveis riscos (nível mínimo) , tais como: Reafirmamos que, quanto aos riscos do levantamento de dados eles são mínimos, haja vista que manteremos sigilo dos depoimentos , o cuidado e zelo dos participantes, de modo que a dimensão psíquica, moral, intelectual, social, cultural do docente não deverá sofrer danos.

Sua participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e portanto o Sr(a) não será identificado. Caso queira (a) senhor(a) poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição. Quaisquer dúvidas que o (a) senhor(a) apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e caso queira, poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço ainda que de acordo com as leis brasileira o Sr (a) tem direito a indenização caso seja prejudicado por esta pesquisa. O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, que poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Como garantias terá **acesso, a qualquer tempo, às informações sobre procedimentos, riscos e benefícios relacionados à pesquisa, inclusive para dirimir eventuais dúvidas (fornecer endereço e telefone para contatos do(s) pesquisador(es) e do Comitê de Ética. Liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e de deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuidade da**

assistência, \Salvaguarda da confidencialidade, sigilo e privacidade;

**V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS**

**PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL:** 1 Carla Gislene Oliveira Ribeiro e 2 Simone Luz da Silva Puglisel

**Endereço:** 1 Rua 2 de novembro, 156 Caixa d'água, 2 Rua Benjamin Constant 373ª Leader

**Telefone:**1 (74)981293641, 2 (74)988137455 **E-mail:**1 caarlaoliveiraa@gmail.com, 2 simonepuglisel@gmail.com

**Orientador:** Leandro Almeida dos Santos **E-mail:** leansantos@uneb.br

**Endereço:** Conj. Rodrigo H. da Costa.

**Bairro:** Brotas

**Cidade:** Salvador

**Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB** Rua Silveira Martins, 2555, Cabula. Salvador-BA. CEP: 41.150-000. Tel.: 71 3117-2399 e-mail: [cepuneb@uneb.br](mailto:cepuneb@uneb.br)

**Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP** SEPN 510 NORTE, BLOCO A 1º SUBSOLO, Edifício Ex-INAN - Unidade II - Ministério da Saúde CEP: 70750-521 - Brasília-DF

**V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO**

Após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador (a) sobre os objetivos benefícios da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntário consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra a via que a mim.

\_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante da pesquisa

---

Assinatura do pesquisador discente

---

Assinatura do pesquisador discente

---

Assinatura do professor responsável (orientador)